



1290000098



FE

TCC/UNICAMP M796c

DANIELA MORASSUTI

2097

**COLÉGIO PROGRESSO CAMPINEIRO:
OS PRIMEIROS CINQUENTA ANOS**

CAMPINAS

1997

M
M796c
502/FE

UNICAMP

DANIELA MORASSUTI

**COLÉGIO PROGRESSO CAMPINEIRO:
OS PRIMEIROS CINQUENTA ANOS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como exigência parcial
para a graduação no curso de Pedagogia com
habilitação em Administração Escolar
da Faculdade de Educação, UNICAMP, sob a
orientação da Profa Dra Águeda B. Uhle.

Campinas, SP

1997

Campinas, de agosto de 1997

Profa Dra Águeda B. Uhle

Profa Dra Aparecida Neri de Souza

***À minha família,
ao Rogério e
às Amebas, a seita.***

Agradecimentos

Gostaria de deixar registrado aqui os nomes de todas as pessoas que de alguma forma contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho, mas é muito provável que, neste momento, alguma me escape a lembrança.

Em primeiro lugar agradeço a Profa Águeda Uhle por ter “acendido a luz” para este Trabalho de Conclusão de Curso. Se não fosse por ela, talvez eu ainda estivesse no meio do caminho. À Profa Aparecida Neri agradeço imensamente pela segunda leitura, pelas ótimas sugestões e pelo incentivo.

Agradeço aos profissionais do Colégio Progresso Campineiro, especialmente à Lélia, Dona Maria José e ao Alexandre.

Os computadores me trouxeram muita dor de cabeça, principalmente nos últimos dias de trabalho, mas para isso pude contar com a assistência técnica especializada do meu irmão Denis e do meu namorado Rogério... Meu pai também ajudou muito... E por falar em pais, tenho muito que agradecer-los pela paciência e boa-vontade: muito obrigada, mamãe e papai! Não posso esquecer de agradecer à Tati.

Foi fundamental, também, o financiamento que obtive da Fapesp.

Pode-se tratar a queda de uma telha como um problema dinâmico, formulando hipóteses teóricas alternativas e debatendo a adequação destas últimas.

É uma abordagem legítima, mas não é a melhor do ponto de vista de quem está embaixo.

Rodolfo Ilari

Sumário

Introdução.....	p. 1
Apresentação do tema.....	p. 1
Metodologia.....	p. 2
Organização do texto.....	p. 4
Capítulo I - O contexto da criação do Colégio Progresso.....	p. 6
Capítulo II - A arte de governar uma escola no começo do século.....	p. 9
Capítulo III - Projeto Pedagógico.....	p. 15
Capítulo IV - Diferentes currículos em diferentes épocas.....	p. 25
Capítulo V - Cotidiano do Internato.....	p. 37
Capítulo VI - Corpo discente.....	p. 49
1) Número de alunas.....	p. 49
2) Profissão do Pai.....	p. 51
3) Procedência.....	p. 55
4) Alunas Gratuitas.....	p. 58
Conclusão.....	p. 60
Referências bibliográficas.....	p. 64

Relação de figuras

<u>Figura 1</u> : foto de alunas e professoras do Colégio.....	p. 14
<u>Figura 2</u> : foto da Primeira Comunhão de alunas no <u>Progresso</u>	p. 19
<u>Figura 3</u> : foto da fachada do Colégio Progresso.....	p. 42
<u>Figura 4</u> : foto do Laboratório de Ciências.....	p. 43
<u>Figura 5</u> : foto do Salão de Estudos.....	p. 44
<u>Figura 6</u> : foto da Biblioteca.....	p. 45
<u>Figura 7</u> : foto do Conservatório Musical Santa Cecília.....	p. 46
<u>Figura 8</u> : foto de um dos dormitórios do Colégio.....	p. 46
<u>Figura 9</u> : foto da sala de projeção.....	p. 47

Relação de tabelas

<u>Tabela 1</u> : Profissão do Pai - década de 20.....	p. 52
<u>Tabela 2</u> : Profissão do Pai - década de 30.....	p. 53
<u>Tabela 3</u> : Profissão do Pai - década de 40.....	p. 54
<u>Tabela 4</u> : Procedência das alunas - década de 20.....	p. 56
<u>Tabela 5</u> : Procedência das alunas - década de 30.....	p. 58

"Colégio Progresso Campineiro: os primeiros cinquenta anos"

Introdução

1) Apresentação do tema - " Colégio Progresso: da elite para a elite"

O Colégio Progresso Campineiro foi inaugurado em 1900, tendo por finalidade educar as moças da elite campineira e da região. Seus fundadores foram pessoas de destaque no cenário local e mantiveram-se na instituição durante os primeiros anos de seu funcionamento, com exceção de Orosimbo Maia que manteve-se como "apoio" a quem a direção do colégio podia recorrer em casos de necessidade.

As análises sobre instituições escolares costumam focalizar aspectos relacionados ao sistema educacional e sua expansão. Entretanto, este trabalho tem como uma de suas bases a história de vida de personagens-chaves do colégio por considerar, como Ribeiro (1993) que os colégios possuíam implicitamente a pedagogia de seus fundadores. Para isso trataremos à tona personagens como Dona Emilia de Paiva Meira, diretora do colégio entre 1902 e 1937; Dona Flavia Campos da Paz, substituta imediata de Emilia Meira e uma de suas herdeiras; Orosimbo Maia, considerado o principal fundador, conta com sua própria biografia (ver Ferraz, 1997).

Estudar o Colégio Progresso pelo que ele é atualmente seria desconsiderar que as características atuais precisam ser situadas em perspectivas mais adequadas:

"Nenhuma pesquisa, nenhuma monografia (...) poderá, enquanto não (...) compreenda um longo período histórico, pôr em evidência os fatores de transformação e de renovação de uma sociedade, sobretudo porque a ação destes fatores se acumula com frequência durante longos períodos sem que suas expressões anteriores sejam facilmente comprováveis" (Demartini, 1988: 45).

O estudo sobre o Colégio Progresso apresentou-se particularmente interessante, pois, a própria instituição é fruto da desconfiança das famílias da elite campineira em relação à escola pública ou escolas livres existentes já na cidade. O grupo fundador do colégio possuía uma idéia clara da formação que

pretendia oferecer às moças de suas famílias, para tanto não só criaram o colégio, como selecionaram diretoras e professores capazes de executar essa educação já escolhida.

A fundação de um internato para meninas expressa a vontade de manter as moças dentro de um universo protegido, longe dos perigos e das tentações da vida exterior e mesmo da influência “danosa” de meios intelectuais mais livres, como poderiam ser as escolas públicas.

Um outro aspecto importante no caso do estudo de um internato para meninas refere-se à população que frequenta tal instituição. Existe uma seleção natural a este tipo de estabelecimento: ele serve às famílias que podem manter suas filhas, custeando um colégio caro. Tal fato garante a homogeneidade social extremamente forte no recrutamento de alunas, o que facilita o trabalho de professores criteriosamente escolhidos para completar a educação familiar sem jamais contrariá-la. A homogeneidade do recrutamento aparece ainda pelo elevado número de alunas provenientes das mesmas famílias, o que permite verificar também o acordo prévio existente entre as famílias da elite e o projeto educacional do colégio.

Outro fator importante na compreensão dos estabelecimentos de ensino, de seu lugar social e de seu espaço no mercado de escolar é a opção laica ou religiosa feita por estes mesmos estabelecimentos. No caso do Colégio Progresso Campineiro, a entrada de Dona Emilia Meira marca a opção pela orientação católica na educação oferecida pelo colégio. Tal opção reafirma-se até hoje e se expressa não apenas pelo currículo, mas no próprio prédio escolar, que mantém uma capela, e nas práticas religiosas realizadas especialmente em determinadas épocas do ano, como Primeira Comunhão, missa de formatura, etc.

A opção religiosa oferece uma pista importante para a compreensão da longevidade da escola que ao longo de cem anos tem sobrevivido às reformas de ensino, às crises sociais e econômicas de um país de estabilidade duvidosa.

2) Metodologia

De acordo com o projeto apresentado, dividiríamos a pesquisa em duas partes, sendo que a fase inicial baseou-se na sistematização de informações coletadas nos arquivos do Colégio. Tal sistematização embasou-se na catalogação das correspondências por grupo de correspondentes e por assunto; catalogação das memórias, diários e anotações esparsas; síntese dos artigos de jornais e revistas sobre o colégio e da documentação oficial.

O primeiro (e talvez maior) trabalho foi a organização de parte do arquivo do Colégio. Ao iniciarmos a pesquisa, o arquivo se constituía em pilhas de papel sem a mínima ordem. Partimos, então, para a classificação do material. Foi um trabalho difícil pois muitos dos documentos encontrados não possuíam data, outros não tinham assinatura, outros eram rascunhos... Separamos todos por tema: Equiparação; Documentos Econômicos; Documentos Oficiais; Cartas de Dona Emilia Meira para Dona Flávia Campos da Paz; Cartas de Dona Emilia Meira para Julie Villac; Convites e Programas Culturais; Discurso e Homenagens; Jornais; Notas e Prêmios; Livro de Matrícula, Caderno de Recordações e Cadernos de Estudos; Prospectos; Anotações Diversas; Fotos; Correspondência com religiosos. Aqui é interessante mencionar que o estudo a partir da correspondência epistolar vem sendo desenvolvido pela Profa Águeda B.Uhle, orientadora deste projeto.

A prioridade, então, foi o trabalho dentro dos arquivos da instituição por considerarmos que no Colégio encontraríamos as bases para a pesquisa em outros locais. Entretanto o arquivo estava dividido em duas partes, sendo que o acesso a segunda parte só nos foi permitido no decorrer da segunda fase desta pesquisa. Este último arquivo conta com relatórios de inspetores de ensino, livros de matrícula, livros de notas referentes aos alunos, entre outros. Enquanto o acesso não era possível, a pesquisa se desenrolava em outros arquivos, como por exemplo, o do o Centro de Memória da Unicamp e a biblioteca do PAGU, Centro de Estudos sobre o Gênero.

Em síntese, a pesquisa documental foi realizada nos seguintes locais:

1) **Centro de Memória da Unicamp.** Nesse arquivo foram consultados os ofícios e documentos referentes a:

- Emilia de Paiva Meira,
- Colégio Progresso Campineiro.

2) Arquivo do Colégio Progresso. Foram consultados:

- Listas de alunos matriculados,
- Relatórios de Inspectores de Ensino,
- Prospectos do Colégio,
- Programa de distribuição de prêmios,
- Caderno de professoras,
- Correspondências entre as diretoras da instituição,
- Publicações referentes ao Colégio e à Dona Emilia Meira, entre outros materiais.

Deve-se ressaltar, aqui, uma dificuldade bastante grande que foi traduzir textos do francês para o português, uma vez que em nossa língua materna não é possível encontrar bibliografia suficiente sobre o tema.

A relevância deste trabalho está no resgate da história de uma instituição destinada às mulheres da elite campineira, desta forma procurando recuperar aspectos relativos à educação feminina na primeira metade do século XX.

Na busca de caminhos que possibilitassem formas de melhor analisar os dados, tive a oportunidade de cursar a disciplina “École et déclassement social: les effects de l’expansion scolaire sur le marche du travail et sur la famille”, ministrada para o curso de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Unicamp, pelo professor Jean Pierre Faguer, da “L’école des hautes études en sciences sociales”, de Paris. O referido curso foi promovido pelo grupo de estudos sobre instituição escolar e relações familiares, FOCUS, grupo que promoveu também diversas conferências sobre o tema.

Houve, também, o seminário “Colégio Nossa Senhora do Patrocínio de Itu: a educação feminina numa instituição total (1859-1976)”, apresentado por Maria Iza Gerth Cunha e promovido pelo Centro de Memória da Unicamp. Este seminário propiciou o afloramento de muitas idéias, sendo o indicativo de alguns caminhos a tomar.

3) Organização do texto

O trabalho que segue está organizado da seguinte maneira:

- Inicialmente procura-se esclarecer o contexto da criação do Colégio, situando-o no desenvolvimento da sociedade brasileira. Apresenta, também, o quadro do ensino na cidade de Campinas na época da fundação daquele Colégio.
- O capítulo I - *O contexto da criação do Colégio* - procura dar indicações sobre a cidade de Campinas na época da criação do Colégio Progresso.
- O capítulo II - *A arte de governar uma escola privada na primeira metade do século XX* - traça rapidamente o perfil de suas duas primeiras diretoras, em especial o de Dona Emilia de Paiva Meira. Apresentando algumas estratégias usadas para organizar a escola e garantir a continuidade da instituição. Interpreta as relações estabelecidas entre a instituição escolar, a sociedade local e o domínio político.
- O capítulo III refere-se ao *projeto educacional* elaborado pelos fundadores e avalizado pela presença de Dona Emilia Meira a frente da instituição. Este é um capítulo especialmente interessante por analisar o método pedagógico adotado pelo Colégio. Esclarece, também, os critérios para seleção de professores.
- O capítulo IV analisa diversos *currículos* seguidos por esta instituição e sua relação com o projeto pedagógico. Aqui, procura-se interpretar os desdobramentos da escolarização quanto à implantação e transformações institucionais considerando o Colégio Progresso dentro do mercado escolar de Campinas. Ao final encontram-se transcritos quatro currículos diferentes.
- O capítulo V apresenta e analisa aspectos da *vida cotidiana* no internato.
- O capítulo VI é uma *caracterização da população atendida* pelo Colégio, constando diversas tabelas apontando a procedência das alunas e profissão do pai. Neste capítulo analisaremos, também, a concessão de bolsas de estudos.
- Ao final é apresentada uma *conclusão* e a *bibliografia* utilizada para a análise dos dados.

Capítulo I - O contexto da criação do Colégio Progresso Campineiro

Este capítulo procura dar indicações sobre a cidade de Campinas na época da criação do Colégio Progresso. Neste sentido buscou-se caracterizar a efervescência da cidade em busca de "modernização".

Em 1900, quando é criado o Colégio Progresso, Campinas tinha sua economia baseada em atividades agrícolas, é ilustrativo apontar aqui o fato de os fundadores do colégio eram, em sua maioria, fazendeiros. Como veremos no capítulo VI, um número bastante significativo de alunas era proveniente de famílias com tradição agrícola: 48.5% na década de 20, 30.1% na década de 30, diminuindo sensivelmente na década de 40, quando o número de fazendeiros passa a representar 3.92% do total de alunas. Esses dados são bastante claros se tivermos em vista o declínio das atividades relacionadas a agricultura, na cidade de Campinas, na primeira metade deste século.

Temos o seguinte quadro:

a enorme riqueza auferida com o açúcar e principalmente com o café propiciou não apenas uma série de melhoramentos materiais que beneficiaram a cidade, mas igualmente uma preocupação de ordem cultural, artística, social e religiosa. (...) Na segunda metade do século passado, empolgou-se Campinas pelo que chamaríamos a 'filosofia do progresso', que também marcou inúmeras outras cidades brasileiras. Ampliou-se a área urbana até atingir e ultrapassar o rocío original; surgiram melhoramentos materiais de toda ordem: pavimentação de ruas, calçadas, mercado, jardins, fontes, chafarizes, iluminação pública, rede de água e esgotos, transportes para os novos bairros que estavam surgindo; estabelecimentos de ensino; associações culturais, artísticas e recreativas; lojas de qualidade, nas quais se notava sobretudo a influência francesa; instituições filantrópicas e assistenciais; hospitais; novos templos religiosos, inclusive de outras confissões; associações esportivas; núcleos coloniais estrangeiros (...); indústrias bem variadas, começando pelas de máquinas agrícolas; tipografias, jornais, livrarias (...) (Matos, 1988: 31).

Com a sociedade brasileira se desenvolvendo em base urbano-comercial desde a segunda metade do século XIX, vai o analfabetismo se constituindo num problema, porque as técnicas de leitura e escrita vão se tornando instrumentos necessários à integração em tal contexto social (Ribeiro, 1982:79).

Cada vez mais a necessidade de “educar” é sentida pela sociedade brasileira e a cidade de Campinas não deixa por menos: o quadro do ensino na cidade, na virada do século, é traçado por Nascimento que nos mostra que, em 1891, o número de instituições públicas: haviam 6 escolas femininas e 7 masculinas,

todas com um só professor e atendendo simultaneamente alunos de diferentes níveis de escolaridade”. E continua: “Os **Grupos Escolares** (...) começam a aparecer em Campinas em 1895 com a criação do **G.E. Francisco Glicério** e atingem o número de 11 em 1930. Por outro lado, neste ano, as **Escolas Isoladas** alcançam um total de 82 unidades. É, portanto, **um investimento muito significativo do poder público estadual na educação do cidadão campineiro** (grifo nosso).

A autora aponta, ainda, o surgimento em 1895 do Ginásio do Estado, depois denominado Culto à Ciência, e da Escola Complementar de Campinas, depois denominada Escola Normal Carlos Gomes, criada em 1902. Quanto aos estabelecimentos particulares ressalta: o Liceu Nossa Senhora Auxiliadora (1897), o Colégio Progresso Campineiro (1900), o colégio São Benedito (1902), o Externato Tiradentes (1904), Colégio Sagrado Coração de Jesus (1908), Externato São João (1909), Escola Técnica de Comércio “Bento Quirino” (1910), Colégio Cesário Mota (1911), Colégio Diocesano Santa Maria (1915), Externato Caetano de Campos (1915), denominado posteriormente Ginásio Campineiro, Escola de Comércio da Academia São Luiz (1921), Escola Técnica de Comércio D. Pedro II (1933), SENAI e SENAC. A rede municipal, segundo a autora, contava com apenas duas escolas.

O grande número de colégios particulares pode ser uma indicação da **educação dualista republicana**, que se propõe a oferecer dois tipos de escola: uma para a classe dominante (particular e com currículo humanista) e outra para o povo (pública e com ênfase no ensino profissional).

No caso específico da educação feminina, o antigo comportamento herdado da tradição colonial portuguesa, descrito por tantos viajantes, estava se tornando incompatível com uma sociedade que se urbanizava, se abria ao contato com uma cultura moderna (Manoel, 1988).

Neste contexto educar as filhas não era mais um luxo. Segundo Manoel (1988), a elite tinha a consciência de que a **educação feminina** era uma imposição social, entretanto consideravam-na uma "temeridade" ao mesmo tempo. A questão era "como educar sem corromper as jovens no contato com o 'nefasto' mundo moderno, perigoso, indesejável de certa forma, mas sempre presente e impositor?" (idem, p.66).

Para autoras como Haidar (1972) e Ribeiro (1993), a educação que era oferecida em instituições públicas não era considerada apropriada para o sexo feminino, pois "o colégio deveria ser responsável não apenas pela difusão dos conhecimentos ditos pedagógicos, mas também pela educação da aluna" (Ribeiro, 1993, p. 42). A criação do Colégio Progresso (1900) pode ser interpretada, então, como fruto da desconfiança e da hostilidade da elite pelos estudos em estabelecimentos públicos.

Essa análise mostra-se bastante coerente com o discurso da instituição e dos fundadores. Octavia Maia de Freitas Guimarães, filha de Orosimbo Maia, em seu discurso na ocasião do 63º aniversário do Colégio Progresso ao comentar os motivos que levaram seu pai a fundar o colégio aponta para a inexistência, na cidade de Campinas, de internatos para "quem desejasse aprimorar a educação das filhas." E Orosimbo Maia tinha três filhas...

Inicialmente, o Colégio Progresso foi um internato para moças da elite campineira e da região. Saint-Martin mostra que essa propensão de manter as filhas dentro de um universo protegido, longe dos "perigos e das tentações" da vida exterior e de um meio intelectual mais livre, tem por finalidade uma aposta importante "dentro da reprodução do patrimônio familiar e de interesses consideráveis diante de preservar dos riscos inerente a transmissão do capital social, notadamente no momento das alianças matrimoniais".

O exposto parece deixar claro o projeto da elite para a educação feminina, o objetivo primeiro era de **caráter moralizador**. Como educar sem corromper? Criando e administrando uma escola. Selecionando diretora e professores comprometidos com o mesmo ideal. O grupo fundador tinha clareza disto.

Capítulo II - A Arte de Governar uma Escola Privada na Primeira Metade do Século XX.

Este capítulo apresenta algumas das estratégias adotadas para organizar a escola e garantir sua continuidade. No decorrer do texto procurou-se interpretar as relações estabelecidas entre a instituição escolar, a sociedade local e o domínio político. Permeia, também, todo este capítulo (como quase todo o trabalho) dados da biografia de Dona Emilia Meira por considerarmos, como Ribeiro (1993), que os colégios particulares possuíam implicitamente a pedagogia de seus fundadores.

O Colégio Progresso foi fundado por políticos e pessoas de destaque no cenário campineiro. Além de Orosimbo Maia (advogado e prefeito de Campinas por vários mandatos), os fundadores foram: Cel. Antônio Álvaro de Souza Camargo, Luiz de Campos Sales, Artur Leite de Barros e Joaquim Álvaro.

O Colégio Progresso Campineiro começou a funcionar no dia 8 de outubro de 1900, oferecendo às alunas "matérias do curso primário e secundário, música, desenho e prendas domésticas (...)" (Jornal Commercio de Campinas).

A primeira diretora foi Dona Anna von Maleszewska que havia sido diretora do Colégio Progresso em São Paulo, como apontou Dona Emilia de Paiva Meira, a segunda diretora do Colégio Progresso Campineiro. Segundo o Jornal City News, Anna Maleszwska havia sido diplomada pela academia Nancy, da França e pela Universidade de Kiel, na Alemanha. É de se ressaltar a origem européia dessa primeira diretora, pois havia na elite brasileira do século XIX uma tradição de se contratar professoras estrangeiras especialmente as de origem francesa. A própria literatura nos dá pistas sobre o valor atribuído pelos brasileiros aos professores estrangeiros, haja visto, por exemplo, o romance "Amar, verbo intransitivo" e o livro de Ina von Binzer, "Os meus romanos"; sendo que esses dois livros referem-se a professoras alemãs que vieram ao Brasil para se dedicar à tarefa de educar filhos e filhas de

famílias abastadas. O próprio Orosimbo Maia tinha para suas filhas uma preceptora francesa, Mme Blanc, que posteriormente atuou no Colégio Progresso Campineiro.

Anna von Maleszewska esteve à frente da direção do Colégio por apenas dois anos, tendo se retirado em 1902. O Diário Oficial do Estado de São Paulo, ao trazer o pronunciamento de Bento Vidal, nos dá uma indicação ao mencionar que as alunas, logo na fase inicial do Colégio, ficaram "desgostosas e promoveram uma greve". Esse fato sobressaiu-se na análise dos livros de matrícula na instituição; uma vez que os livros referentes a 1902 ou não registravam nenhuma aluna no Colégio, ou apontava uma significativa evasão. Destaca-se, aqui, que este assunto será tratado no capítulo referente ao corpo discente.

Surge, então, a necessidade de se "contratar" uma outra diretora, desta vez é uma brasileira que assume a direção do Colégio. Emilia de Paiva Meira, convidada por Orosimbo Maia, assumiu a direção do Colégio em 1 de agosto de 1902. O motivo que pode ter levado Orosimbo Maia a convidá-la, na nossa hipótese, diz respeito a Emilia Meira já possuir um projeto pedagógico totalmente elaborado e que "afinava-se" com o projeto educacional do grupo fundador. Nos arquivos do Colégio, encontramos um projeto pedagógico para o Colégio Progresso de Curitiba assinado por Emilia Meira (1897) e que se baseava no projeto do Collegio Americano Brasileiro, onde esta realizou seus estudos e, posteriormente, exerceu sua profissão. Um outro fato que se relaciona a sua contratação diz respeito aos objetivos dos fundadores que **desejavam uma educação que cultivasse suas filhas, mas que ao mesmo tempo garantisse a sua moralidade**, por isso no momento que precisavam escolher outra diretora, para assumir a direção do Colégio, foram buscar Dona Emilia Meira... Era a garantia de uma sólida educação intelectual e moral, permeada por princípios religiosos. Dona Emilia Meira era irmã de um médico famoso, Dr. Sérgio Meira, que morava em São Paulo, mas atendia a cliente de Campinas.

Mais tarde, quando os fundadores resolveram fechar o Colégio, 1913, Dona Emilia Meira assumiu a inteira responsabilidade pelo mesmo, tendo aí

ficado até 1937, ano de seu falecimento. Os motivos que levaram os fundadores a deixar o Colégio, ao que indica a documentação, relaciona-se ao fato de o Colégio estar dando prejuízos financeiros.

Tanuri (apud Demartini e Antunes, 1991, p. 145) indica que a criação de escolas "não parece ter atendido a critérios de planejamento, mas sim a critérios políticos-eleitorais". Como apontam Demartini e Antunes (1991), as **instituições particulares de ensino** apresentaram-se como opção, desempenhando um importante papel no tocante a escolarização. Entretanto, segundo os relatórios contidos nos Anuários do Ensino do Estado de São Paulo, entre as décadas de 10 e 30, "as condições de funcionamento destes estabelecimentos de ensino são descritas e várias falhas são apontadas, especialmente quanto às instalações inadequadas e ao grande número de professores leigos" (p.110). No Colégio Progresso fica difícil qualquer afirmação definitiva, mas como veremos, este buscou sempre a supervisão e inspeção pública, assim tivemos acesso ao Relatório da Revisão de Classificação do Colégio, elaborado com relação ao período anterior a 1943, onde este é analisado em aspectos que vão desde a infra-estrutura física ao corpo docente, recebendo, então, a classificação de **excelente**. Segundo a inspetora federal, Carlota Lima de Carvalho e Silva (1943):

o Colégio Progresso Campineiro é um estabelecimento modelar, dirigido eficientemente por um grupo de educadores de escol, a caminhar sem embargos para frente, primando-se por um trabalho metódico e pela observância absoluta às instruções e determinações emanadas dos superiores. A diretoria e o corpo docente conduzem-se com louvável idoneidade; o corpo discente disciplinado e bem orientado concorrem com seus atos e seu esforço pela realização dos ideais visados. E assim, bem longe de considerar finalidades comerciais, este Colégio realiza nas suas atividades o mais alto programa dos que pelejam reta e conscientemente pelo amor a Pátria brasileira.

A partir da República, o governo federal passou a exercer um controle mais efetivo sobre as instituições escolares através dos mecanismos de fiscalização e equiparação. Encontramos diversos documentos onde Dona Emilia Meira solicita a equiparação do Colégio Progresso ao que nos parece esta solicitação iniciou-se em 1916, sendo que foi obtida apenas em 1934. É de se ressaltar o fato de que eram os Colégios que solicitavam a inspeção. O

interesse em se ter a "inspeção permanente" era tão grande que ficava por conta dos Colégios a remuneração dos fiscais.

Com relação ao corpo docente, mesmo com certos benefícios oferecidos (atendimento médico, residência no colégio e até o enterro cristão), cabe destacar as dificuldades encontradas em contratá-los, uma vez que os professores formados preferiam as escolas públicas e a cada concurso os colégios privados viam-se desfalcados de seus melhores elementos. Este fato é confirmado por uma carta de Emilia Meira para Fernando Azevedo, então Diretor do Departamento Nacional de Ensino.

Uma outra dificuldade diz respeito ao fato de que os professores deveriam fixar residência no Colégio. Fato este que praticamente indisponibilizava professores do sexo masculinos e professoras casadas. A justificativa para essa exigência era de que apenas residindo no Colégios as professoras poderiam se dedicar inteiramente à educação das meninas e à religião. O fato de ter professoras internas promovia ligações estreitas, quase familiares com a escola, garantindo o conhecimento e a confiança dos envolvidos com o projeto educacional do Colégio.

Deve-se observar, também, certas relações que oferecem mostras de que o Colégio e sua diretora tinham clareza da necessidade de bem se relacionar com personagens-chaves no âmbito do ensino. Uma confirmação dessas boas relações vem através de uma carta enviada por Abgar Renault, Diretor Geral do Departamento Nacional de Ensino, ao Reverendo Joaquim Mammede Silva Leite informando-lhe que havia mandado examinar o requerimento de Dona Flávia Campos da Paz (a 3ª diretora do Colégio). Essa cadeia de relações aponta para o fato de que mesmo pessoas supostamente alheias a instituição, como era o caso do Reverendo, intercediam por ela. Houve, também, o caso da construção de uma cerca de arame ao redor do terreno do Colégio, fato que era proibido pelas leis municipais. Neste caso, houve a interferência direta de Orosimbo Maia, então prefeito de Campinas, a favor do Colégio.

Outro fator característico desse período foi a concessão de bolsas de estudo para "alumnas aproveitáveis, e virtuosas, possivelmente orphãs de Pae

e Mãe, e que por, falta de meios pecuniários, deixariam os estudos, se não encontrassem arrimo no Collegios" (Testamento de Emilia Meira).

A concessão de bolsas de estudo pelo Colégio está presente na imprensa que sempre menciona o fato deste manter "em seus cursos inúmeros alunos gratuitos" (O Constitucional), e nas relações com a Igreja, Padre Chayhito (RJ), em carta datada de 23/11/1938, agradece a imensa caridade que Dona Emilia Meira e Dona Flavia Campos da Paz fizeram a sua sobrinha Aracy "que se não fora o Colégio Progresso, não teria o grande projeto de se formar".

Para Ulhe (1993):

a preocupação com a educação das crianças e jovens de famílias pobres, sempre de caráter assistencial, expressa, além da disciplina, o interesse pela separação daqueles que demonstrem mérito na sua vida estudantil. O mérito, avaliado pelo boletim de notas, e mais importante, pelo comportamento exemplar e dócil, deve ser premiado, assegurando uma política adequada à legitimação do pensamento clássico liberal, segundo o qual o trabalho e o esforço resultam em êxito econômico e social, além de oferecer oportunidade para a encenação dos atos de bondade (...) (p. 282).

Entretanto, como nos mostra Ferraz (1997), a concessão de bolsas de estudos era subsidiada pela isenção de impostos municipais. Este assunto será tratado mais detalhadamente no capítulo referente ao corpo discente.

Como foi mencionado anteriormente, Emilia de Paiva Meira responsabilizou-se definitivamente pelo Colégio Progresso Campineiro assim que os seus fundadores retiraram-se do corpo administrativo. Este trabalho rendeu-lhe consideráveis frutos, uma vez que, em 1924, funda o Colégio Progresso de Araraquara (que funcionava nos mesmo moldes do de Campinas e era dirigido por uma ex aluna, Julie Villac) e, logo depois, a Sociedade Brasileira de Educação e Instrução de Meninas.

Uma mulher à frente da instituição escolar era um fato extraordinário. Antunha (apud Demartini) afirma que, em 1919, com uma única exceção, todos os grupos escolares do Estado eram dirigidos por homens.

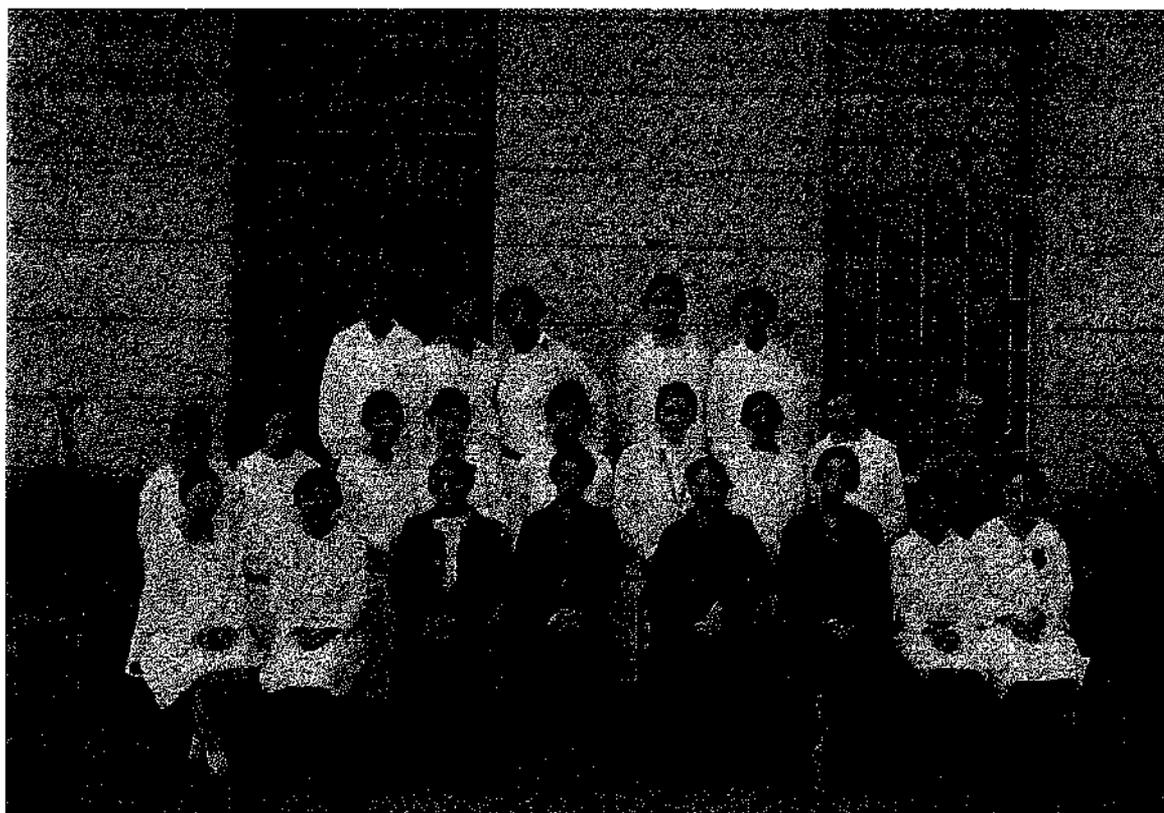


Figura 1. Foto de alunas e professoras da instituição, onde se vê Dona Emilia Meira (na primeira fila, 4º pessoa da direita para a esquerda).

Capítulo III - Projeto Educacional

Este capítulo apresenta a análise do projeto educacional dos fundadores e a colaboração de Emilia Meira para a concretização deste projeto. Numa leitura mais atenta fica explícito o caráter moralizador deste projeto, mas há de se ressaltar, também, a preocupação com a formação intelectual das alunas. O capítulo resgata referências para o trabalho do corpo docente do Colégio.

O fato de o Colégio Progresso ser uma escola privada nos dá indicações do recrutamento social prévio a entrada da aluna na instituição. Excetuando, possivelmente, as alunas a quem eram concedidas bolsas de estudos, as alunas do Colégio eram pertencentes à elite. Segundo Saint-Martin,

a homogeneidade social extremamente forte do recrutamento dos alunos, contudo também do corpo docente e dos religiosos, permite a escola prolongar ou completar a educação familiar sem jamais contrariá-la, e preencher as diferentes funções que lhe são atribuídas ao mesmo tempo pelas famílias e pelos responsáveis pela escola.

A criação do colégio indica que este é fruto da desconfiança das famílias da elite campineira em relação à escola pública ou escolas livres já existentes na cidade. O grupo fundador tinha uma idéia clara da formação que pretendia oferecer às moças de suas famílias. Para tanto, tudo foi feito no sentido de garantir essa educação idealizada.

O Colégio era um internato que em todos os seus documentos de divulgação aponta ter por fim "a educação intelectual, moral, religiosa e física da mocidade feminina, de acordo com os programas oficiais e baseada na pedagogia moderna e nos princípios de moral" (Prospecto do Colégio, 1939).

O projeto educacional da instituição fica bastante evidente ao analisar-se o **Regulamento Interno** (s/d, mas referindo-se a Flavia Campos da Paz como diretora) que define os deveres das alunas da seguinte maneira:

- a) obedecer sem esperar ordens, as determinações gerais do regulamento, da diretora, e das demais funcionárias investidas de autoridade respeitando a ordem e a disciplina do estabelecimento.
- b) ser pontual e assídua, não só no comparecimento as aulas e exercícios práticos, como também no cumprimento dos demais deveres, sujeitando-se as lições, sabatinas e exames.
- c) tratar com urbanidade e respeito os professores e autoridades, usando de cortesia e delicadeza para com suas colegas.
- d) apresentar-se corretamente uniformizada, com asseio na própria pessoa nos trajes, nos cadernos livros e etc.
- e) trazer para a classe ou estudo todos os livros, cadernos, e mais objetos necessários para o estudo ou para a aula, evitando empréstimos.
- f) entrar para as aulas e sair delas em ordem e sem barulho.
- g) durante as aula, manter silêncio, sossego e atenção.
- h) portar-se nos recreios com a moderação conveniente às meninas de boa educação, evitando gritos de exclamações ruidosas.
- i) esforçar-se em desempenhar os jogos esportivos com animação, respeitando as leis e fiscalização vigente.
- j) erguer-se de seu lugar em atitude correta.
- k) erguer-se do mesmo modo quando interpelada pelo professor ou pela Diretora.

A análise indica que os padrões de comportamento e as características desejadas nas alunas eram a **docilidade, cortesia, asseio, silêncio, sossego e submissão**. Todas podem ser caracterizadas como típicas do padrão estabelecido para o do sexo feminino e correspondiam ao projeto educacional do Colégio para a "formação" das alunas. Neste ponto, mais uma vez, nota-se a educação associada à moralização e esta ao desejo da norma. A moral é compreendida como um conjunto de regras definidas e especiais que determinam a conduta das alunas, fixa, regulariza todas as ações.

Deve-se ressaltar que, na "hierarquia" das faltas, as que ocorressem contra os princípios moralizantes explicitados acima tinham um peso superior às faltas intelectuais: "Na consciente educação da mocidade, as faltas contra a obediência, a disciplina e a ordem, isto é, as faltas éticas, são consideradas muito mais graves que os descuidos mentais; estes últimos prejudicam apenas a aluna, aqueles podem ferir a coletividade" (Regimento Interno, s/d).

Uma fiscalização rígida era exercida no sentido de coibir assuntos não-próprios para as alunas do Colégio. O prospecto de 1942 nos dá mostra disso: "O Colégio Progresso Campineiro possui uma CARÍSSIMA instalação

dos maravilhosos TEM-FONE, aparelhos ultra modernos, que permitem que da sala da INSPETORIA, sejam ouvidas todas as aulas e ocorrências durante o período das aulas ou mesmo nos amplos e arejados salões de estudo, proporcionando uma severa e direta fiscalização do bom andamento dos diferentes cursos".

O fato de se ter uma escuta eletrônica é especialmente interessante, e lembra os estudos de Goffman (1974) que caracteriza determinadas formas de organização como **instituições totais**, mostrando que essas tem fortemente arraigado o princípio de "exposição contaminadora", que no caso específico da "escuta eletrônica" refere-se à privação da intimidade auditiva:

De modo geral (...) o internado nunca está inteiramente sozinho; está sempre em posição em que possa ser visto e muitas vezes ouvido por alguém, ainda que apenas pelos colegas de internamento (p.32).

Ainda sobre a fiscalização, é interessante apontarmos para um fato ocorrido durante a comemoração do 44o aniversário do Colégio, quando "uma pilha de revistas desaconselháveis foi armada no centro do pátio, tendo sido incendiada por alunas do curso primário" (Diário do Povo, 1944).

No Regulamento Interno do colégio (s/d), no item deveres das professoras, encontram-se explicitado dois assuntos proibidos: "nas aulas não se deve falar sobre assuntos políticos e sociais". E também é apontado como dever das professoras: "nos recreios (...) fazer com que as alunas brinquem, fiquem alegres e não admitir 'grupinhos', pois daí surgem as indisposições, murmurações e conversas impróprias". Goffman (1974) analisa este tipo de proibição:

na realidade, em algumas instituições totais, a equipe dirigente pensa que a solidariedade entre conjuntos de internados pode dar uma base para atividade combinada proibida pelas regras e por isso conscientemente tenta impedir a formação de grupo primário (p.58).

Ribeiro (1993), afirma que nos colégios leigos, criados por Associações filantrópicas, a situação, no que tange ao controle do que os professores podiam ministrar, não era muito diferente dos religiosos.

Mesmo o 'Culto à Ciência', por exemplo, que era uma escola pública, tinha seus programas de ensino proposto pela diretoria, que muitas vezes limitava as iniciativas dos mestres e sua esfera de atuação pedagógica (...) (idem, p.89).

Muito provavelmente, o fato de os programas de ensino virem direto do gabinete da diretoria para as mãos do professor tenha se repetido no Colégio Progresso, haja visto a existência de várias ex-alunas com professoras e posteriormente no cargo de direção, a isso acrescenta-se o fato de haver, nos arquivos da instituição, cadernos pertencentes a Dona Emilia Meira, quando esta ainda era aluna.

Entretanto, os conhecimentos pedagógicos foram conquistando espaços no Colégio. As primeiras alunas que prestaram os exames oficiais no Ginásio de Campinas mereceram nota de destaque na imprensa local devido a ampla aprovação da banca examinadora, o que nos leva a crer que a formação intelectual estava presente no projeto do Colégio. Como nos mostra um dos prospectos: "Devemos ter sempre presente que não se trata apenas de fazer a aluna seguir um SIMPLES CURSO, com mira á aquisição de certificados, trata-se como necessidade premente proporcionar-lhe conhecimentos sólidos."

O ingresso de Dona Emilia Meira no Colégio data a opção católica deste. Dona Emilia Meira não foi freira mas, pelo que consta, era uma pessoa muito dedicada aos assuntos religiosos. A opção católica pode ser percebida não apenas no currículo, que incluía o ensino religioso, mas também no espaço físico do Colégio que inclui uma capela no pátio. Às alunas do Progresso eram oferecidos retiros espirituais programados anualmente, primeira comunhão, casamentos, missas e um contato bastante próximo com a Igreja, dada a presença constante de padres na instituição:

Se elevado é o número de conquistas que no terreno da instrução alcançam o colégio não menor é o justíssimo renome de que goza entre as famílias campineiras que o procuram como um lugar seguro e profícuo, onde suas filhas poderão encontrar a mais aprimorada educação científica e artística, ao lado da formação do caráter, bebida em fonte puríssima, qual o exemplar diário que nos é dado pelas nossas devotadas mestras. Outro braço forte, garantidor de estabilidade e de engrandecimento sempre crescente do colégio é o Ex. Monsenhor Campos Barreto, alma cândida, que a ele consagra as melhores de suas energias (...) passo a passo em uma marcha sempre vitoriosa para o grande ideal pré-concebido: instruir e educar nas puras fontes da religião (Discurso de formatura, s/d).



Figura 2. Foto mostrando a Primeira Comunhão de alunos do Colégio Progresso. Atrás vê-se monumento em homenagem a Dona Emilia Meira.

É interessante notar que, a presença da doutrina católica não impede, mas antes estimulava, uma certa **competição e concorrência** entre as alunas, haja visto que no final do ano letivo havia a distribuição de prêmios em termos de primeiro e segundo lugar, prêmio de distinção, de assiduidade, de honra e menção honrosa. "Faz-se mensalmente a classificação das alunas pelas notas de aplicação e comportamento, sendo recompensadas com regalias e distintivos, as primeiras de cada classe" (Texto informativo, 1934). Cabe aqui destacar que o sistema de ensino desenvolvido pelos jesuítas está baseado neste tipo de premiação. Segundo Manoel (1988), nos colégios jesuítas, os prêmios eram oferecidos aos melhores alunos em solenidades públicas e pomposas, assim como acontecia no Colégio Progresso.

Ao analisar atentamente o projeto pedagógico deste Colégio, nota-se a presença de pontos fundamentais do Ratio Studiorum: religião, literatura e estilo, emulação, premiação e teatro (Manoel, 1988).

O **corpo docente** era constituído basicamente por professores do sexo feminino que, segundo o jornal O Popular (1928), numa reportagem sobre o Colégio Progresso de Araraquara, "incontestavelmente levam grande

vantagem aos do sexo masculino, cujas preocupações com a luta áspera pela vida, os relegam para plano inferior na arte de educar".

É interessante notar a representação sobre homem e mulher expressa no trecho acima: o homem é visto como o **provedor** (preocupado "com a luta áspera pela vida"), enquanto que a mulher é encarada como a **doadora**, tendo um papel social inferior, resta-lhe a tarefa de educar. Deve-se ter em vista essas representações afim de melhor compreender o projeto educacional do Colégio e da elite local.

Segundo o prospecto publicado, em 1942, o Colégio:

mantém um CORPO DOCENTE que se destaca pelo seu critério moral e profissional, provado em longo tirocínio no magistério público e particular, com grande vantagem de especialização das matérias que cada qual ensina.

Pode ser que em 1942 os professores do Progresso tivessem especialização nas disciplinas que lecionavam, entretanto, em 1924, segundo uma Lista de Professores manuscrita por Emilia Meira, uma mesma professora dava aulas de disciplinas que nem sequer eram do mesmo campo de conhecimento, por exemplo: Dona Guiomar de Araújo dava aulas de Geografia e Matemática para o curso médio, e em 1934, de acordo com o Relatório do Inspetor de Ensino, Dona Maria Andrade de Paula, lecionava Francês e Ciências Naturais e Lucila Freitas, Matemática e Cosmografia. Neste sentido é "relevante observar que essa distribuição do trabalho docente talvez interferisse diretamente na eficácia e qualidade do ensino oferecido" (Manoel, 1988, p.210).

De acordo com o Regulamento Interno, "os professores devem ser registrados no Departamento Nacional de Ensino ou diplomados Normalistas". Para Saint-Martin, as escolas de elite selecionam professores oriundos de famílias de elite.

As indicações para o trabalho das professoras, como nos mostra o Regimento Interno, exigiam bastante severidade por parte destas, uma vez que tinham como função fiscalizar a disciplina das alunas levando sempre a caderneta e lápis para que as faltas cometidas fossem anotadas. A rigidez era tão grande que solicitava-se às professoras "humilhar as alunas repetentes".

Ao mesmo tempo solicitava-se que a professora fosse "extremamente paciente, prudente e justa". Durkheim ao discutir a educação como processo moralizador, diz que a principal forma de punição é a de manter o aluno à distância, isolá-lo, criar um vazio em torno dele. Deve-se esclarecer que este Regulamento Interno diz respeito à época posterior ao falecimento de Dona Emilia Meira, tendo sido elaborado na gestão de Dona Flavia Campos da Paz.

Sobre o corpo docente pode-se concluir que, para Dona Emilia Meira, o importante era que a professora fixasse residência no internato, dado que este fato é fundamental para o próprio projeto pedagógico, uma vez que garantia relações estreitas, quase familiares com a escola, promovendo o conhecimento e a confiança entre os envolvidos com o projeto educacional do Colégio. Em seu Testamento, quando Dona Emilia Meira lança as bases para a Sociedade Brasileira de Educação e Instrução de Meninas, ressalta este ponto:

Deixo pois, em forma de fundação, á sociedade que se constituir, com as professoras Dona Flavia Campos da Paz, Dona Julie Villac e Dona Alda Pompêo de Camargo, para a manutenção do Collegio Progresso Campineiro, e do Collegio Progresso de Araraquara (...). É uma sociedade de moças solteiras, livres de qualquer compromisso. As que se tornarem noivas, e as que se casarem, não poderão cumprir os deveres que a Sociedade impõe, pelo que, não serão consideradas sócias, e não gozarão de nenhuma regalia da sociedade."

Um recurso consideravelmente citado nos prospectos da instituição diz respeito ao **sistema de regalias**, no que tange às alunas:

Faz-se mensalmente a classificação das alumnas de cada classe pela média geral do boletim, e notas de comportamento. O primeiro terço da classe tem direito á REGALIA que vale 3 décimos, e a primeira alumna da classe tem direito a duas regalias. A regalia dá direito a um pedido de sahida por motivo justo; mas, para isso, é necessário não ter cometido faltas graves durante a semana. A regalia também serve para descontar as ausências á chamada ou dias de falta e ainda augmentar a nota final do boletim que dá direito ao prêmio. Pela pratica de línguas e animação nos recreios, a alumna pode ganhar ou perder regalias (Prospecto, s/d).

Segundo Goffman (1974), "o sistema de privilégios é formado por número relativamente pequeno de componentes, reunidos com alguma intenção racional e claramente apresentados aos participantes. A

conseqüência geral é que se consegue a cooperação de pessoas que muitas têm razão para não cooperar” (p.52).

Foi uma característica do período estudado as constantes mudanças na legislação de ensino ocasionando, conseqüentemente, alterações nas estruturas dos cursos e das instituições. Na nossa análise, a legislação não foi o único motivo que obrigou o Progresso a buscar novos cursos, tem-se, também, a concorrência com outras instituições, como os Colégios Estaduais, em determinado período (Barbanti, 1980), e outros internatos em cidades vizinhas, como os de Itu e de Piracicaba.

Ao que permite verificar a documentação encontrada, houveram cursos diversificados que atendiam usuários diversificados. Segundo o Jornal O Constitucional, o Colégio oferecia “para as meninas mais fraquinhas ou anormais, cuja saúde não permite estudos mais completos, (...) um curso parcial, e neste caso recebem depois dos respectivos exames um certificado dos estudos que fizeram”. De acordo com um prospecto (s/d) da instituição, os cursos oferecidos para as mais “fraquinhas” eram os seguintes:

Curso parcial de Ciências (excluindo História e Literatura), Curso de Letras (excluindo as ciencias e mathematicas) e Curso de Artes - que pode se música, pintura e trabalhos manuaes, sendo indispensável o português e pelo menos uma das línguas obrigatórias.

Houve também um curso denominado Progressista que, segundo um Regulamento Interno (s/d), era definido como

aperfeiçoamento daquelas que desejam possuir uma educação e instrução aprimoradas que são os ornamentos das moças na sociedade e na família. Consiste ele no estudo aprofundado nas línguas vivas e desenvolvimento artístico.

Na época em que este curso foi oferecido, o Colégio contava também com os cursos: primário, ginasial e profissional, entretanto do material que nos traz essas informações não consta a data.

Seguindo a filosofia de que **a educação era um ornamento** para as moças, um curso de destaque, segundo a documentação que se encontra nos arquivos, foi o curso de música que era oferecido no Conservatório Musical Santa Cecilia, “segundo os programmas do INSTITUTO NACIONAL DE MUSICA DO RIO DE JANEIRO e do CONSERVATÓRIO DRAMATICO E

MUSICAL DE SÃO PAULO compreende o estudo de MÚSICA instrumental, vocal e theorico" (Prospecto, s/d). Aponta-se, aqui, que este Conservatório Musical foi fundado no século passado e permaneceu associado ao Colégio nas suas primeiras décadas de existência.

Em 1928 é criada a Escola Normal Livre, anexa ao Colégio Progresso.

O contexto, fora dos muros do Colégio, consolidava o magistério primário não apenas como profissão feminina, "mas como única profissão respeitável e única forma institucionalizada de emprego para as mulheres da classe média até o final da década de 30" (Demartini e Antunes, 1991, p. 39).

É preciso salientar que como o Colégio atendia a elite campineira, o fator econômico não é o único que deve ser considerado para analisar a demanda pela Escola Normal. O magistério podia significar, também, a possibilidade de uma maior participação na sociedade e em grupos letrados.

'Ser professora' era, naquela época, quase a solução ideal para atender, de um lado, às necessidades econômicas e culturais das famílias, e, de outro, manter a imagem da mulher ligada à família - a escola era um prolongamento das lides domésticas, do trato com as crianças. Era assim uma profissão que poderia, e, até, deveria ser incentivada entre as filhas (Demartini e Antunes, 1991, p.97).

Além desses, em 1937, o Colégio mantinha o Ginásio equiparado ao Colégio Pedro II .

As condições para que fossem aceitas as matrículas de alunas eram as seguintes, além do pagamento das taxas:

- a) apresentar "requerimento instruído de certidão de registro civil (...)"
- b) "atestado médico de que não sofre de moléstia contagiosa, inclusive de vista;"
- c) "atestado de vacina".
- d) Na primeira série ginásial as candidatas à matrícula deveriam prestar o **exame de admissão** (para esta série era necessário provar ter idade de 11 anos).

Pode-se observar, nessas exigências, uma preocupação excessiva com as condições de saúde da clientela atendida. Fato esse facilmente explicável, uma vez que o corpo docente e discente ficava confinado ao internato.

No formulário para a matrícula (1941), havia um item sobre o batismo da aluna.

Capítulo IV - Diferentes currículos em diferentes épocas

Analisar os diferentes currículos justifica-se, não somente pelo fato de o Colégio ter apresentado diferentes cursos e cada qual com seu próprio currículo, mas, principalmente, pelo fato de os currículos apresentarem a sistematização do processo educativo escolar, sendo que sua elaboração implica uma seleção prévia de valores:

É por intermédio do currículo que determinados fins são ou não alcançados. É pelo currículo que o aluno aprende conteúdos, adquire habilidades, escolhe e adota valores e integra novas formas de comportamento a seu repertório de condutas. É pelo currículo que o aluno entende melhor o ambiente ao seu redor (...). É pelo currículo, em síntese, que se pode vir a formar o cidadão consciente, o que confirma o fato de que todo currículo é permeado por valores, expressando uma certa visão de mundo, de sociedade, de ser humano e de conhecimento. Não há, então, neutralidade em decisões curriculares (Kreutz, 1994, p. 34).

Todo o currículo implica uma seleção de cultura e todo um conjunto de ênfases e omissões que traduzem o que se entende por educação em determinado momento histórico, variando conforme o tipo de cidadão que se deseja formar. No caso do Colégio Progresso Campineiro (nos primeiros cinquenta anos), a seleção do currículo tinha por base o princípio de “instruir e educar em ambiente suave de forma tal que suas alunas atinjam maior grau de **perfeição moral, intelectual e física (...)**” (Prospecto, 1942, grifo nosso). Ao analisar a documentação do arquivo do Colégio verifica-se que a educação fornecida enfatizava a formação moral. Isto pode ser percebido, também, no contato com a correspondência trocada entre a diretora do Colégio de Campinas e a diretora do Colégio de Araraquara; as preocupações que transpareciam versavam sobre a **formação religiosa e arranjos matrimoniais** das alunas. Entretanto, deve-se evitar uma conclusão precipitada sobre este aspecto, uma vez que o Colégio não restringiu suas preocupações a transmissão do capital social. Havia nele um interesse explícito para que as alunas prosseguissem seus estudos, interesse não muito comum quando o assunto era educação feminina:

A tomada de consciência da importância da instrução, no caso do ensino secundário feminino, se revelou no aparecimento de alguns colégios de estudos avançados para moças, onde ao lado dos trabalhos de agulha, se ministravam aulas de ciências exatas, físicas e naturais e de línguas modernas (Barbanti, 1980, p. 31).

Neste sentido o Colégio Progresso Campineiro apresentava um currículo bastante completo para o seu tempo. Na composição deste, como se poderá observar mais adiante, entravam as seguintes disciplinas: Aritmética, Geografia, Física, Química, História Natural, Geometria, Cosmografia, História Geral, Línguas Portuguesa, Francesa e Inglesa, História do Brasil, História Sagrada, entre outras.

Apesar de a educação intelectual ter tido um papel de destaque no Progresso, não se deve acreditar em sua "neutralidade", uma vez que estava toda permeada por valores de moral religiosa, um exemplo são os exercícios de caligrafia, momento em que as alunas reproduziam frases de efeito moral, como nos mostra o Diário de Lições (datado de 1940): *"quem dá aos pobres, empresta a Deus"*, *"Água mole em pedra dura tanto bate até que fura"*, *"Nem tudo o que luz é ouro"*, *"Quem com ferro fere, com ferro será ferido"*, *"De grão em grão a galinha enche o papo"*, *"Com Jesus seremos sempre felizes"*, *"Nada substitui a paz na consciência"*, *"O dever antes do prazer"*. Exercícios de caligrafia eram realizados diariamente e poderiam ser considerados exercícios de doutrinação, tem-se, também, juntamente a eles, as aulas de catecismo, Instrução Moral e Cívica e História Sagrada que se alternavam nos dias de aula. Pode-se concluir, então, que o aspecto da educação moral estava presente diariamente no currículo, constituindo-se assim uma espécie de **doutrinação diária**. Entretanto, é importante salientar que as disciplinas formadoras da moral e da religiosidade e as que preparavam o lastro cultural e da sociabilidade das educandas não preponderavam sobre as matérias científicas, embora ambas estivessem presentes diariamente e em todos os níveis.

Ainda no estudo do currículo destaca-se o papel das **disciplinas escolares**, como nos mostra Saviani (1994), "enquanto parte integrante de currículos, as disciplinas escolares estão sujeitas às contingências de sua

elaboração e aplicação” (p. 39). A autora oferece, também, considerações para caracterizar os processos de elaboração e aplicação curriculares:

1. a idéia de organização, seqüenciação, dosagem dos conteúdos segundo prioridades estabelecidas e de acordo com as exigências de controle do processo educativo;
 2. sua presença no currículo com seu programa, pressupõe uma seleção realizada no seio da cultura, consistindo numa “reinvenção cultural”;
 3. sua constituição, consolidação, alteração, desaparecimento/ressurgimento resultam de conflito que supõem soluções negociadas;
 4. seu valor relativo no currículo obedece a determinados padrões (...)
- (Saviani, 1994, p. 53).

De acordo com as considerações acima, é preciso esclarecer que de grande interferência na inclusão ou exclusão de uma disciplina escolar no currículo são as finalidades educacionais: “as específicas das escolas e as das sociedade (demandadas pela família, pela religião, pelo regime sócio-político), que variam conforme a época e o lugar” (idem, p.56). No caso específico do Colégio Progresso, as finalidades impostas pelas necessidades sócio-culturais, desde o momento de sua criação, zelavam, também, pelo aspecto da educação “artística” das alunas dessa maneira, o currículo incluía, entre outras disciplinas:

- música e solfejo, desenho linear e a mão livre, trabalhos de agulha, caligrafia, religião (Currículo de 1902).
- **disciplinas obrigatórias:** trabalhos manuais; música e solfejo; desenho, religião;
- **disciplinas facultativas:** trabalhos artísticos em couro, pelica, estanho, madeira e pintura japonesa; canto; ginástica; música instrumental; grego, alemão, italiano, espanhol (Regulamento interno, s/d, posterior a 1934).

A distribuição das disciplinas, segundo o Diário das Lições, era da seguinte forma:

1h - 1h10: Chamada e revista (diariamente)

1h10 - 1h25: Leitura

1h25 - 1h45: Linguagem

1h45 - 2h05: Aritmética ou tabuada ou cálculo

2H05 - 2h25: Ditado

2h25 - 2h40: Catecismo ou Instrução Moral e Cívica ou História Sagrada

2h40 - 3h10: Recreio

3h10 - 3h30: Exercícios para casa

3h30 - 3h50: História do Brasil ou Ciências ou geografia

3h50 - 4h10: Caligrafia

4h10 - 4h30: Geometria ou chamada oral de alguma disciplina

4h30 - 5h00: Chamada oral ou trabalho artístico ou desenho ou canto ou ginástica

Pode-se verificar, ao analisar os diversos prospectos do Progresso, que este teve variações, também, quanto aos cursos oferecidos (Normal, Progressista, Educação Doméstica, Conservatório Musical, etc), fato este que pode ser explicado pelo movimento de diferenciação que deveria ser estabelecido entre um colégio particular e demais colégios públicos. Entretanto cursos que se estabeleceram no Progresso, já existiam em escolas públicas, Barbanti (1980) explica que na década de 1920 a 1930, o elementar e o normal despertaram as atenções dos poderes públicos, os colégio particulares responderam instalando as escolas normais livres, como fez o Progresso instalando sua Escola Normal em 1928 e obtendo a equiparação em 1934. É interessante observar, aqui, que as escolas analisadas por Barbanti (Colégio Nossa Senhora da Assunção e Colégio Puríssimo Coração de Maria) instalaram seu curso normal no mesmo ano que o Progresso, mas obtiveram a equiparação apenas em 1953, ou seja, dezenove anos depois.

Abaixo transcrevo dois programas de ensino do Colégio e analiso três currículos

"CURSO DE ESTUDOS

O ensino geral divide-se em 4 cursos:

1. - O curso primario de 1º e 2º graus;
2. - O curso secundario;
3. - O curso complementar;
4. - O curso de artes.

CURSO PRIMARIO DE 1º GRAU

- Exercícios escriptos e oraes nas linguas portugueza, franceza e ingleza. -
Composição de phrases simples.

- Exercícios sobre as operações fundamentaes da arithmetica. Calculo mental e problemas simples.
- Primeiras noções de geographia. Orientação.
- Ensino intuitivo dos elementos de sciencias naturaes. Licções das cousas.
- Desenho linear a mão livre.
- Calligraphia.
- Catechismo. - Principaes factos da historia sagrada.
- Musica e solfejo.
- Exercicios callisthenicos.
- Trabalhos de agulha.

CURSO PRIMARIO DE 2º GRAU

- Linguas portugueza, franceza e ingleza. - Exercicios variados de redacção.
- Arithmetica pratica; fracções e problemas simples. - Noções de geometria plana.
- Geographia geral. - Cartographia.
- Principios de sciencias naturaes.
- Desenho linear e a mão livre.
- Calligraphia.
- História do Brasil.
- Historia Sagrada.
- Catechismo.
- Musica e solfejo.
- Exercicios callisthenicos
- Trabalhos de agulha.

CURSO SECUNDARIO

- Linguas portugueza, franceza e ingleza. - Exercicios de composição e redação em diversos estylos.
- Arithmetica.
- Geographia geral. - Chorographia do Brasil. - Cartographia.
- Physica. - Chimica. - Historia Natural.
- Desenho. - Pintura a oleo e aquarella.
- Geometria plana e no espaço.
- Cosmographia.
- Historia Geral.
- Historia do Brasil.
- Musica e solfejo.
- Exercicios callisthenicos.
- Trabalhos de agulha.

O curso complementar comprehende:

- Literatura das linguas portugueza, franceza e ingleza.
- Physica e chimica.
- História Natural (zoologia, botanica, geologia e mineralogia).
- Arithmetica, algebra, geometria e trigonometria.
- Revisão da geographia e cosmografia.
- História geral.

CURSO DE ARTES

O curso de artes comprehende: piano, canto, violino, bandolim, pintura e dança.

Além das matérias acima especificadas, ha, para as alumnas que o quizerem, aulas especiaes de allemão e italiano.

Merecerá especial attenção da directora, e, por isso, fará parte obrigatória do curso o ensino da gymnastica apropriada ao sexo, pois que, além de outras conveniencias, é hoje aconselhado pela hygiene, como meio de desenvolvimento physico.

Fonte: Prospecto do CPC, 1902

Curso de Estudos

O ensino geral divide-se em dois cursos:

1. O curso primário de 1° e 2° graus,
2. O curso secundário, segundo o curso gymnasial.

Curso primário de 1° grau

1. Linguas portugueza, franceza, ingleza. Exercicios variados de redacção.
 2. Ensino intuitivo dos elementos de sciencias naturaes. Licções de cousas.
 3. Arithmetica pratica; fracções e problemas simples - Noções de geometria plana.
 4. Geographia geral.
 5. Desenho linear e à mão livre
 6. Calligraphia
 7. História do Brasil
 8. História Sagrada
 9. Catecismo
 10. Musica e Solfejo
 11. Exercicios callisthenicos
- Trabalhos de agulha

Curso primario de 2° grau

1. Linguas portugueza, franceza e ingleza. Exercicios de composição e redacção em diversos estylos.
2. Literatura
3. Arithmetica
4. Geografia geral, Chorographia do Brasil, Cartografia
5. Physica, Chimica e História Natural
6. Desenho, Pintura a óleo e aquarella.
7. Geometria plana e no espaço
8. Cosmographia
9. História Geral
10. História do Brasil
11. Musica e Solfejo
12. Exercicios callisthenicos

13. Trabalhos de agulha**Curso Secundario**

Compreende todas as materias necessarias aos diferentes annos do curso dos gymnasios, até o 5º anno, estando assim, as alumnas preparadas para a matricula nas Escolas Normal, de Pharmacia e Odontologia.

As alumnas que completarem o 4º anno do Gymnasio com exames satisfactorios receberão um certificados desses exames.

O DIPLOMA do Collegio é conferido áquelas que completarem o curso de todas as matérias ensinadas no collegio.

Fonte: Prospecto do CPC, ainda localizado à José Paulino - entre 1909 e 1917

“Título segundo**Desenvolvimento do programa de Ensino****Artigo 9º**

O curso PRIMARIO ministrado em quatro annos é modelado pelo curso das escolas officiaes.

Curso Ginasial e Fundamental**Artigo 10º**

Destes curso fazem parte as disciplinas ministradas no Colégio Pedro II do Rio de Janeiro, com o mesmo numero de horas por semana e distribuidas pelos cinco annos de estudos.

Curso Profissional (Normal)**Artigo 11º**

As disciplinas deste curso compreendem as materias ministradas nas ESCOLAS NORMAES OFICIAES DO ESTADO.

Curso Progressista**Artigo 12º**

O Curso Progressista é o aperfeiçoamento daquelas que desejam possuir uma educação e instrução aprimoradas que são os ornamentos das moças na sociedade e na família. Consiste ele no estudo aprofundado nas linguas vivas e desenvolvimento artistico.

LITTERATURAS: -	Brasileira	Trabalhos manuaes
	Portugueza	Musica-Solfejo
	Franceza	Desenho
	Ingleza	Religião

Estudos facultativos**Artigo 13º**

LINGUAS: -	Italiano	Datilografia	Canto
	Alemão	Taquigrafia	Ginastica
	Espanhol	Pintura	
	Grego	Musica Instrumental	

Trabalhos artísticos em: couro
 pelica
 estanho
 madeira pintura japonesa, etc

Conservatório Musical Santa Cecília

Artigo 14º

Segue o programa do Instituto Nacional de Música do Rio de Janeiro.

Fonte: Regulamento Interno do CPC, s/d

Disciplinas da 5º série:

1. português,
2. latim,
3. História da Civilização
4. Geografia
5. Filosofia
6. Matemática
7. Física
8. Química
9. História Natural,
10. Desenho
11. Cosmografia

Disciplinas da 4º série do curso ginásial:

1. Português,
2. Francês,
3. Inglês,
4. Latim
5. História da Civilização
6. Geografia
7. Matemática,
8. Física,
9. Química,
10. História Natural
11. Desenho

Disciplinas da 3º série do curso ginásial:

1. Português,
2. Francês,
3. Inglês,
4. História da Civilização,
5. Geografia,
6. Matemática,
7. Física,
8. Química,
9. História Natural,

10. Desenho**Disciplinas da 2º série do curso ginásial:**

1. Português,
2. Francês,
3. Inglês,
4. História da Civilização,
5. Geografia,
6. Matemática,
7. Ciências Físicas e Naturaes
8. Desenho

Disciplinas da 1º série do curso ginásial:

1. Português,
2. Francês,
3. História,
4. Geografia,
5. Matemática,
6. Ciências e Desenho.

Fonte: Relatório do Inspetor, Marcello Soares, 1934

Dos cursos

O Colégio Progresso Campineiro (...) mantém os seguintes cursos:

- Primário
- Admissão
- Ginásial
- Profissional (Normal)
- Conservatório Musical
- Educação Doméstica
- Trabalhos Artísticos

Curso Ginásial Oficializado por decreto nº 24328 de 04/06/1934, abrange todo o programa do Colégio Pedro II do Rio de Janeiro, obedecendo as mesmas normas do Ginásio do Estado.

Curso Profissional - Oficializado - (Antigo Normal), abrange o mesmo programa da Escola Normal Oficial, seguindo idênticas normas.

Conservatório Musical Santa Cecília, seguindo os programas do "Instituto Nacional de Música do Rio de Janeiro" e do "Conservatório Dramático e Musical de São Paulo", abrange o estudo de MÚSICA instrumental, vocal e teórico.

Curso de Educação Doméstica - programa próprio, desenvolvido de acordo com as necessidades atuais.

Cursos Extras - serão considerados Cursos Extras os de: datilografia, taquigrafia, desenho, pintura, trabalhos artísticos.

Assim pois qualquer aluna que se matricule em qualquer destes CURSOS, terá as taxas acrescidas de 120\$000 por PERÍODO e por DISCIPLINA.

Fonte: Texto para informações sobre o CPC e sua matrícula, 1934

Na análise que será feita aqui, os três currículos estudados serão nomeados pelo seu respectivo ano, então temos: 1902, 1909-1917 e 1934.

O currículo 1909-1917 representa um certo amadurecimento se comparado ao de 1902. As disciplinas estão melhor especificadas e indicam um grau maior de exigência, por exemplo, no curso primário de 1º grau:

- em 1902, na área de línguas programava-se o ensino de composição de frases simples em “Português, Francês e Inglês”, enquanto que em 1909-1917, possibilitava-se exercícios variados de redação nos três idiomas;
- em 1902, o currículo incluía apenas “Primeiras Noções de Geografia”, enquanto que o currículo de 1909-1917 prescrevia aulas de “Geografia Geral”;
- na área de matemática, o currículo 1902 propunha exercícios sobre as operações fundamentais, cálculo mental e problemas simples, já o currículo posterior tinha como proposta para matemática a aritmética prática, frações e problemas simples, incluindo noções de geometria plana, modalidade que havia sido ignorada em 1902;
- em 1902, não havia nenhuma disciplina contemplando a área de História, em 1909-1917, essa área aparece representada por duas disciplinas distintas: “História do Brasil” e “História Sagrada”.

No que tange ao **curso primário de 2º grau** a comparação pode ser feita nos seguintes termos:

- em 1902, não fazia parte do currículo a disciplina Literatura que, posteriormente, é contemplada pelo currículo de 1909-1917;
- A maior especificação das disciplinas, aparece nitidamente no que se refere a área de Ciências Naturais, em 1902 havia a disciplina “Princípios de

Ciências Naturais”, enquanto que em 1909-1917, ela aparece como “Física, Química, e História Natural”;

- Mesmo na área de Artes parece ter havido uma significativa evolução, dado que em 1902 era oferecida a disciplina “Desenho Linear e a Mão Livre” e em 1909-1917 oferecia-se “Desenho, Pintura a Óleo e Aquarela”;
- Na área de matemática, o currículo desdobrou-se, uma vez em 1902 o currículo propunha “Aritmética Prática, Frações e Problemas Simples, Noções de Geometria Plana”, enquanto que o currículo posterior separava a disciplina “Aritmética” da “Geometria Plana e no Espaço”;
- Na área de História, as disciplinas oferecidas em 1902 ressaltavam o lastro religioso do currículo por contemplar “História Sagrada”, em 1909-1917, essa disciplina é substituída por “História Geral”. Aponta-se aqui que nos dois currículos a disciplina “História do Brasil” estava presente.

O currículo oficial de 1934 parece representar uma perda da identidade pelo Colégio, por não apresentar disciplinas comuns aos currículos anteriores como, por exemplo: “Exercícios Calistênicos”, “Música e Solfejo”, “Trabalhos de Agulha”, entre outras. Uma hipótese é a de que essas disciplinas continuaram a fazer parte do cotidiano das alunas, mas desta vez, fora do currículo oficial.

Este “desaparecimento” de disciplinas tradicionais do Colégio pode ser explicado pelo fato de que o Progresso havia sido equiparado aos demais estabelecimentos oficiais de ensino, sendo assim, deveria ajustar-se às exigências do Estado. O seu programa abrangia, agora, o do “Colégio Pedro II do Rio de Janeiro, obedecendo as mesmas normas do Ginásio do Estado” (Texto, 1934).

Em 1934, entre os cursos oferecidos pelo Progresso, havia um curso intitulado **Educação Doméstica**, definido em documento do Colégio da seguinte maneira: “programa próprio, desenvolvido de acordo com as necessidades atuais” (Texto, 1934); entretanto não é esclarecido o que se entendia por “necessidades atuais” e nem a que clientela esse curso era destinado. Pela própria lógica inerente a elite, muito provavelmente, este curso

não foi destinado às suas filhas. Manoel (1988) ao analisar o Colégio das Irmãs de São José de Chamberry chama a atenção para a criação de seções anexas ao colégio e que

confirmavam a destinação elitizante desses colégios, mesmo porque (...) o ensino se restringia a um mínimo de matérias e ao ensino de **prendas domésticas** necessárias a meninas que no futuro seriam, muito provavelmente, empregadas domésticas (p. 47).

Capítulo V - Cotidiano do Internato

Neste capítulo o internato é apresentado como “recurso pedagógico”, procurou-se situar este tipo de organização e oferecer pistas sobre a vivência intra-muros no Colégio.

Começamos, então, procurando resgatar a origem do internato:

No século XVI, com os jesuítas principalmente, o internato passou a desempenhar a função de preparar os homens para exercerem a direção da sociedade conforme os preceitos do catolicismo tridentino, não mais significando apenas uma escola de preparo para membros do próprio clero ou local de refúgio para os homens. Daí em diante, o internato, enquanto recurso pedagógico, se fundava em um teoria com dois pontos básicos. Primeiro, a idéia de ser a criança naturalmente inclinada para o mal. O batismo apaga a mancha de origem é certo, mas não fortalece o espírito infantil em face do pecado. Assim, era necessário a construção de um local isolado, seguro, onde as crianças fossem habituadas a vencer as suas inclinações naturalmente pecaminosas. Segundo (...) a idéia de que o mundo está em permanente crise na exata medida em que o Mal, revivido pelo Renascimento e alimentado pela ciência materialista e pela política liberal, se constitua em ameaça constante a formação da criança (Manoel, 1988, p.194-5).

No Brasil, é uma congregação religiosa, também, a responsável pela introdução da fórmula do internato: as Irmãs de Chamberry: “Mesmo que em sua trajetória no Brasil essa congregação tenha criado escolas externas e orfanatos, a forma de organização pedagógica dominante foi o internato” (Manoel, p. 60).

É interessante ter em vista o histórico exposto acima para que se possa compreender de forma mais abrangente o que se passava no cotidiano do Colégio Progresso Campineiro, enquanto internato.

A visão das pesquisadoras, envolvidas nesta pesquisa, sobre a vida cotidiana parte da perspectiva de que o indivíduo está inteiramente inserido nela. Assim como Freitas (1995, p. 80), considera-se que:

o estudo da vida cotidiana escolar deve ser mais que a mera descrição de fatos corriqueiros que se desenvolvem no dia-a-dia. Faz-se necessário analisar as relações do indivíduo enquanto sujeito particular e participante de uma sociedade.

Nos arquivos da instituição muitos documentos foram encontrados e davam pistas sobre a vivência intra-muros do Colégio Progresso Campineiro. São cadernos de recordações, bilhetes entregues às diretoras, fotografias, discursos de formatura, etc:

A intimidade que essa documentação contém, possibilita o resgate da riqueza das representações sobre o que ocorria no cotidiano (...). As impressões, às vezes falam muito mais do que os documentos oficiais, pois trazem embutido o descomprometimento com a esfera pública. São assim, portanto, fiéis a significados afetivos e à pura expressão subjetiva do que ocorria na época. (Ribeiro, 1993, p. 4)

Para analisar de forma mais abrangente o cotidiano do internato, é interessante utilizarmos o conceito de **instituição total**:

uma instituição total pode ser definida como um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada (Goffman, 1974, p.11).

Sendo que, como veremos a seguir, o cotidiano do internato revela muitas outras características próprias de instituições totais.

Há, nos arquivos do Colégio, uma série de discursos de formatura e em todos eles o que se percebe é uma exaltação ao Colégio, às companheiras de estudos e às professoras:

Caras amigas, fostes envolvidas nesta meada e dela não vos desprendeis porque estareis sempre presentes à nossa lembrança e dentro do nosso coração, pois dentre nós não há uma só que não nos queira bem. No nosso amado Collegio Progresso ficarão para sempre estampadas esses modelos de aplicação de saber e de virtude que aqui esboçastes e que ides certamente completar no seio da família e da sociedade. (Jullie Villac, 1915).

Dona Emilia Meira era especialmente homenageada por suas alunas:

Esta manhã na nossa Comunhão, pedimos a Jesus que vos conceda muitas graças especiais neste mundo e depois, um lugar, bem alto, na gloria eterna.

Os bilhetes, as homenagens e os discursos parece transparecer um ambiente de harmonia e contentamento. É preciso salientar que essa atitude de exaltação ao colégio, às professoras e amigas, está de acordo com um dos objetivos do Colégio que, neste caso, é a **educação moral**.

Ao que nos parece, as alunas muito se ressentiam em deixar o Colégio, procurando manter laços com a instituição depois de formadas. É o que nos mostram cartas de ex alunas convidando Dona Emilia Meira para batizar o filho ou fotografias enviadas para a diretora por ocasião do noivado dessas ex alunas, notícias da vida no casamento, na família, etc.

O que um ex aluno conserva de sua experiência nos diz muita coisa a respeito da instituição. Como nos aponta Goffman (p.68):

muito frequentemente, a entrada significa, para o novato, que passou para o que poderia ser denominado um status proativo: não apenas sua posição intramuros é radicalmente diversa da que era fora, mas, como chega a compreender se e quando sai, sua posição no mundo externo nunca mais será igual à que era. Quando o status proativo é relativamente favorável (...) podemos esperar reuniões oficiais de júbilo, com proclamações de 'orgulho' pela escola.

E não é isso que nos mostra as reuniões de comemoração do aniversário do Colégio ou os discursos de algumas ex alunas na imprensa? Neste sentido, como aponta Faguer (1995), a escola exerce um efeito de dominação que pode influenciar pela vida a representação de si.

O aspecto religioso estava bastante presente no cotidiano do internato, para exemplificar, tem-se a **Pia União das Filhas de Maria**, criada pelas Irmãs de Chamberry, em Itu e depois "existente em todas as casas da congregação em São Paulo, tendo sua assemelhada nas Congregações Marianas dos Jesuítas" (Manoel, 1988, p. 234). Essa "União" se propunha a ser, ao mesmo tempo, condição de aperfeiçoamento moral e religioso e prêmio para as alunas consideradas merecedoras. Como nos mostra Manoel, o ingresso em seus quadros não dependia da vontade das alunas, mas da demonstração de um comportamento exemplar, devoção e fé reconhecidas, que a fizesse merecedora desse privilégio. Na análise do autor acima citado, a existência das **Filhas de Maria** estabelecia "um clima de emulação, de competição entre as alunas, cada uma delas procurando demonstrar o seu merecimento, sua capacidade para pertencer ao seletivo quadro (...) (p. 235).

Deve-se ressaltar que o esse aspecto não estava presente apenas através das "Filhas de Maria", é o que nos mostra o jornal DIÁRIO DO POVO (1960):

como movimentos religiosos o Colégio Progresso Campineiro tem (...) dois retiros, o das alunas e o da **Federação Mariana Feminina**. Como Associações o Colégio possui, além da **Pia União das Filhas de Maria**, a **Associação dos Devotos de Maria Auxiliadora**, fundada em 1936 pelo então capelão Revmo. Pe. Brenno Romeiro Cesar (grifo nosso).

Para ilustrar a presença constante do aspecto religioso num Colégio feminino é interessante lembrar a análise feita por Manoel (1988):

na questão feminina, a posição da Igreja católica reflete, de um lado, a doutrina religiosa na qual a mulher sempre figurou como um ser secundário e suspeito e, de outro, seus interesses, investidos na ordem vigente na sociedade de classes. Neste sentido, o comportamento da Igreja não tem diferido basicamente da atuação dos demais grupos empenhados na preservação do status quo capitalista. Como estes, a Igreja tem evidenciado um esforço de refinamento de técnicas sociais conducentes a manter, embora disfarçadamente, a mulher submissa ao homem" (p.32)

A documentação existente nos arquivos é, também, bastante rica em "convites e programações" de eventos culturais realizados pelas próprias alunas. Eram definidas como audições culturais, operetas, sessões litero-musicais, etc. Durante a maior parte do período estudado, esses eventos aconteciam duas vezes por ano, por ocasião da saída para as férias e eram realizados coletivamente. Segundo os estudos de Haidar (1972), "as *matinées* musicais, os saraus, os bailes e os jantares fizeram dos colégios femininos da Côrte (...) importantes centros de reunião da melhor sociedade do Rio de Janeiro" (p.232). Ao que tudo indica, este fato repetiu-se na cidade de Campinas, quase um século mais tarde. Sendo que, de acordo com a teoria de GOFFMAN sobre as instituições totais, o tipo de "distração" que era oferecida às alunas pode ser analisada sob a seguinte ótica:

toda instituição total pode ser vista como uma espécie de mar morto, em que aparecem ilhas de atividades vivas e atraentes. Essa atividade pode ajudar o indivíduo a suportar a tensão psicológica usualmente criada pelos ataques ao eu (p.66).

É interessante ressaltar o fato que os exames eram públicos e que do mesmo modo que se convidava para uma opereta, por exemplo, se convidava para a exposição dos "trabalhos de agulha, artísticos e pintura das alunas, sendo franqueada a entrada da exposição às pessoas que desejarem visitá-la"

(Convite, 1920). O convite era estendido aos que desejassem assistir aos exames.

Um outro aspecto bastante presente na documentação e que nos dá pistas da vivência cotidiana era o enxoval para o internato. Abaixo transcrevo uma das listas encontradas:

Enxoval para o internato

- 1 colchão de boa qualidade (fornecido pelo COLÉGIO - 16\$000)
- 1 travesseiro de 45X50 cm
- 1 cobertor de lã
- 3 colchas brancas (fornecidos pelo Colégio para igualdade de arranjo dos dormitórios - preço 12\$000 cada uma)
- 2 toalhas de banho
- 4 toalhas de rosto
- 6 lençóis de 2,50X1,50
- 6 fronhas de 45X50
- 6 saias brancas ou combinações
- 6 corpinhos (soutien)
- 6 camisolas de mangas compridas
- 6 camisas
- 12 calças
- 12 lenços
- 12 pares de meias pretas compridas
- 2 pares de meias para o uniforme de passeio (fornecido pelo Colégio)
- 2 sacos para roupa servida
- 1 saco pequeno com escova e graxa para sapatos
- 1 caixa com objetos de toilette, pentes, escovas, tesouras, etc
- 3 guardanapos
- 1 par de luvas brancas
- 1 roupão de flanela ou chita
- 1 saco com o necessário para costura
- 1 par de chinelos
- 2 pares de calçados pretos para uso no Colégio
- 1 par de calçado para passeio

Uniformes

Os uniformes são fornecidos pelo Colégio, sendo necessários: 4 vestidos, 4 aventais, 2 vestidos brancos para passeio, 1 paletot de lã AZUL marinho, 1 chapéu para passeio. Os preços dos UNIFORMES serão fornecidos pela DIRETORIA no ato da matrícula.

Fonte: Texto para informações sobre o CPC e sua matrícula, 1934

Pode-se perceber que o número de roupas e objetos exigidos para as alunas internas era bastante grande, o que nos leva a crer que eram apenas

membros da elite que poderiam sustentar tais despesas, garantindo desta maneira a homogeneidade requerida pelo projeto educacional.

A infra-estrutura do Colégio não foi a mesma desde o seu funcionamento, como nos relata Octavia Maia. Inicialmente alugou-se a "Chácara da Guanabara", depois mudou-se para o Largo do Pará (Rua Barão de Jaguará, esquina com a Aquidabã), sendo que este prédio foi comprado para residência de um bispo,

teve pois de mudar-se o Colégio, repentinamente, para três prédios contíguos e mal adaptados, à rua José Paulino, esquina de Bernardino de Campos (...), lá esteve o Colégio, de 1908 até a noite de Natal de 1917... na qual transferiu para este próprio... a Avenida Júlio de Mesquita.

O edifício construído para sede definitiva do Colégio era considerado imponente para a época, como informam alguns jornais. Mesmo atualmente sua arquitetura ainda chama a atenção. É um prédio de destaque situado a uma das principais avenidas de um bairro nobre de Campinas.



Figura 3. Fachada do Colégio Progresso mostrando a imponente construção, que permanece inalterada até os dias atuais. Observa-se, na rua, as linhas do bonde elétrico.

Segue abaixo a estrutura física do prédio "novo", segundo texto de divulgação (1934):

Salas de aulas,

Anfiteatro;

Salão Nobre - de grandes dimensões, onde se realizam festas, concertos, entregas de DIPLOMAS, dispendo de esplêndido palco cênico, pianos para concertos, etc.

Laboratório de Física - Química e História Natural.

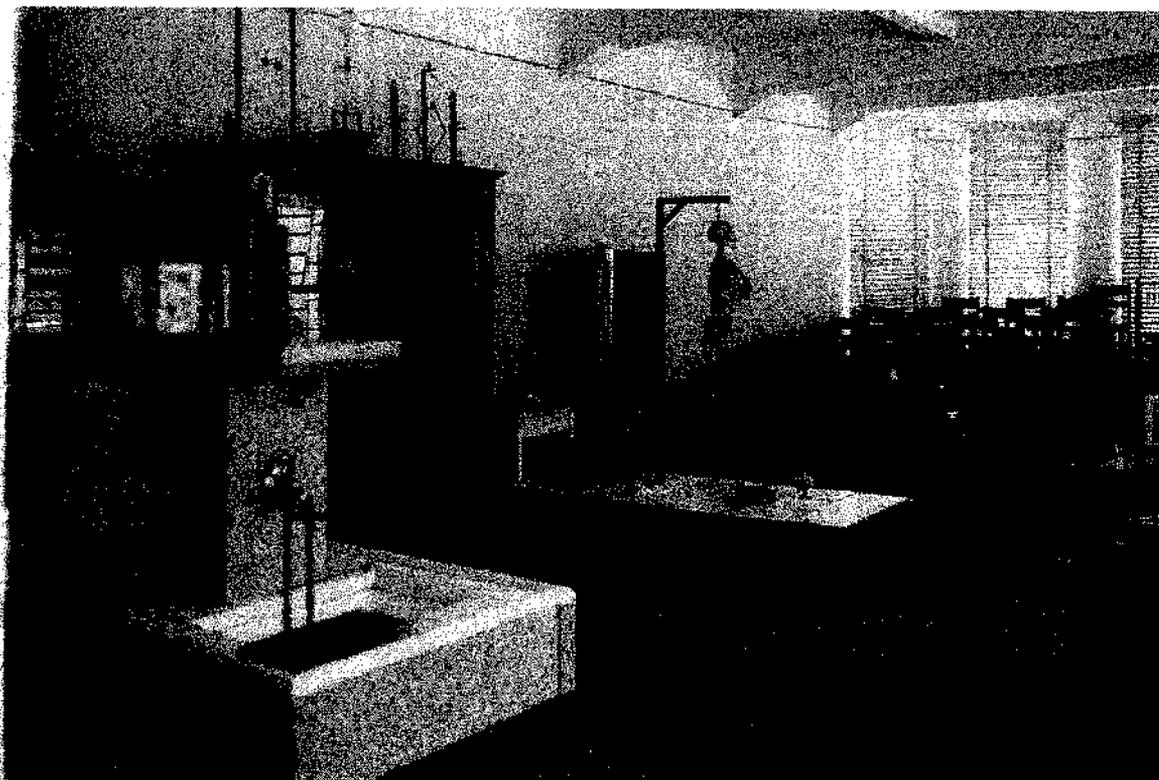


Figura 4. Aspecto do Laboratório de Ciências.

Salões de Estudos,



Figura 5. Aspecto do salão de estudos.

Gabinete Médico - (...) é dirigido por conceituado clínico.

Gabinete Dentário - (...) entregue a direção de competente profissional.

Recreios - ótimos, grandes áreas, bosque, 5 avenidas arborizadas com mangueiras, jaboticabeiras, laranjeiras, e uma grande avenida de 400 metros de extensão, circundada por belíssimo bambual, proporcionam às alunas bons passeios e recreios.”

Biblioteca Escolar - com mais de 4.000 volumes para consultas dos estudos escolares, livros de leitura escolhidos para amenizar os recreios domingueiros.”

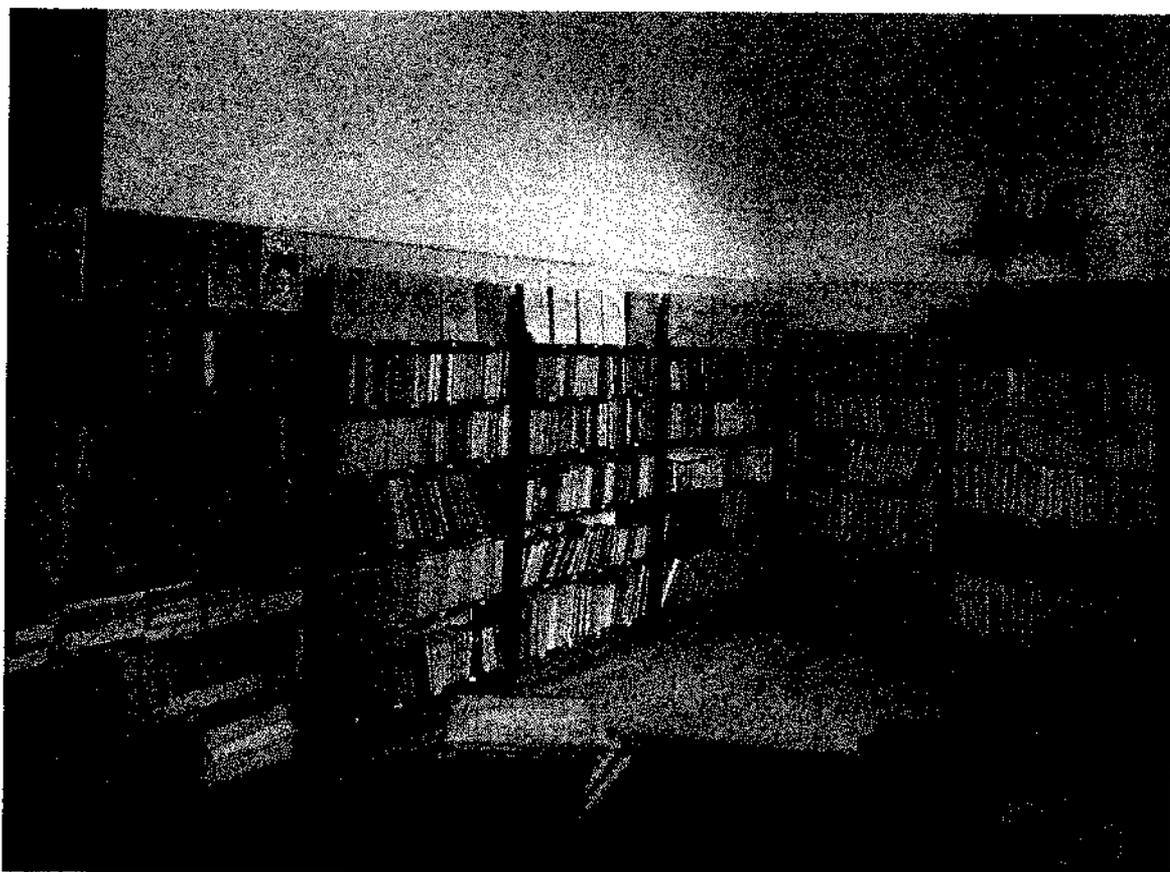


Figura 6. Aspecto da biblioteca do Colégio Progresso Campineiro.

Educação Física - os exercícios são feitos no Ginásio perfeitamente equipado, dispondo de área coberta de 240 m².

“Conservatório Santa Cecília - funciona em salas amplas e confortáveis contando o estabelecimento com 18 pianos para estudos, harmoniuns, guia de canto, instrumentos vários, mapas explicativos, discoteca, rádio-eletrola, enfim material completo para o maior aproveitamento das alunas.”



Figura 7. Aspecto do Salão de Pianos do Conservatório Musical Santa Cecília.

Dormitórios:

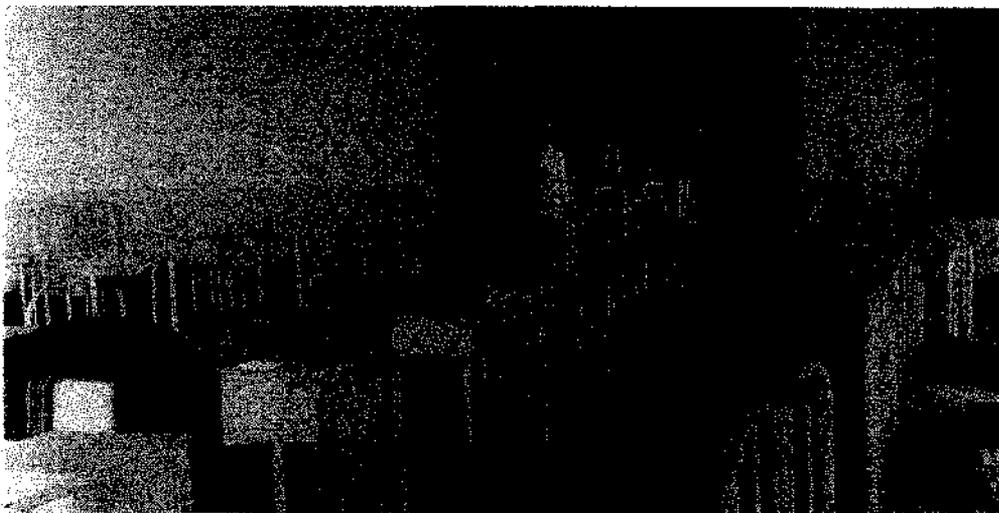


Figura 8. Aspecto de um dos dormitórios do Colégio.

Diversões - para as diversões semanais há o CINEMA, equipado com dois projetores (...) realizando-se sessões com programas escolhidos, amenizados pelo RÁDIO ou ELETROLA.



Figura 9. Aspecto da sala de projeção do Colégio.

Além de toda essa infra-estrutura que se mantém intimamente ligada a parte pedagógica do processo há, ainda, uma infra-estrutura mais voltada para a parte administrativa do internato. Entre outras coisas, o Texto (1934), refere-se à alimentação - "a confeitaria e sorveteria do estabelecimento fornecem as guloseimas para as merendas" e lavanderia - "toda a roupa servida é lavada e engomada na própria lavanderia do Colégio, cuidadosamente instalada com ferros elétricos e máquinas MAYTAGG - movidas a eletricidade".

O Tempo Escolar no Colégio era dividido em dois períodos:

O primeiro começa em 15 de FEVEREIRO terminando em 15 de JUNHO, época em que começam as férias de INVERNO. O segundo período começa invariavelmente em 1º de JULHO, terminando em DEZEMBRO, logo após as FESTAS DE ENCERRAMENTO do ANO LETIVO. (idem)

O regulamento era bastante rígido no que tange ao contato fora do Colégio, tanto que às alunas internas eram permitidas apenas duas saídas por semestre, com exceção da saída para as férias:

As alunas deverão regressar no DIA e HORA FIXADAS PELO REGULAMENTO sob PENA de perderem a saída seguinte. A pontualidade da entrada na volta das férias dá direito a mais uma REGALIA, mas todas as saídas dependem DAS NOTAS DE COMPORTAMENTO E APLICAÇÃO. (ibidem).

As internas residentes em Campinas receberão visitas dos pais aos domingos das onze à uma e meia. As do interior serão visitadas pelos Pais em qualquer dia, ou mesmo sair a passeio, porém só nas horas de recreio. As demais visitas não de Campinas deverão vir em horas de recreio, com a apresentação, por escrito, dos Senhores Pais; e as que moram em Campinas, virão aos domingos nas horas regulamentadas das visitas (O Constitucional, s/d).

Para Goffman (1974), a tendência das instituições totais em encarar de maneira desfavorável as saídas dos internados pode ser entendida como o peso da responsabilidade, uma vez que os erros que esses podem cometer na sociedade civil se tornam alguma coisa pela qual a instituição tem certa responsabilidade.

O cuidado com o contato com pessoas fora do internato é bastante visível ao se limitar o horário das tradicionais visitas domingueiras à apenas duas horas e meia e ao proibir a visita de rapazes à instituição. No que se refere a rapazes, as alunas não poderiam sequer atender a chamados telefônicos.

Capítulo VI - Corpo discente

Neste capítulo procurou-se caracterizar a população atendida pelo Colégio em termos de procedência e profissão do pai. O item “procedência” favorece a visualização das dimensões que tomou o conceito do Colégio, uma vez que era freqüentado por alunas de todo o Estado de São Paulo e até de outros Estados. O item “profissão do pai” é importante para caracterizar a socioeconomicamente o quadro discente da instituição.

Inicialmente é interessante deixar resgistrado, aqui, os nomes das primeiras alunas, matriculadas em 1900. Nesta listagem constam o nome completo da aluna, sua idade ao matricular-se no Progresso e o nome, a profissão e o local de residência do pai.

Primeiras alunas (1900):

- 1) Odilla Maia, 10 anos. Pai: Orozimbo Maia, advogado. Campinas
- 2) Anna Euphrasia da Silva, 9 anos. Pai: Edmundo Amalio da Silva, advogado, Campinas.
- 3) Luiza de Campos Salles, 9 anos. Pai: Luiz de Campos Salles, fazendeiro. Campinas.
- 4) Sylvia de Campos Salles, 13 anos. Pai: Luiz de Campos Salles, fazendeiro. Campinas.
- 5) Sylvia de Camargo, 16 anos. Afilhada de Joaquim A. de Souza Camargo. Campinas, não consta a profissão.
- 6) Lydia Barbosa, 9 anos. Pai: Candido André de Barbosa, administrador. Campinas.
- 7) Dina Pereira, 13 anos. Pai: José Rodrigues Pereira, escrivão, Campinas.
- 8) Alice Armbrusk, 12 anos. Pai: Henrique Armbrusk, negociante, Campinas.
- 9) Marina Maia, 6 anos. Pai: Orozimbo Maia, advogado, Campinas.
- 10) Dinorah Reinhrarck, 9 anos. Pai: André Reinhrarck, Campinas.

Fonte: Livro de Matrícula de 1900 a 1902

Deve-se apontar que, na filiação, constava apenas o nome do pai. O nome da mãe era apontado apenas em alguns casos.

Para facilitar uma análise geral do **corpo discente** da instituição, decidiu-se abranger apenas alguns anos de cada década de funcionamento do Colégio, assim temos: a *década de fundação*, *década de 20*, *década de 30* e *década de 40*.

1) Número de alunas

O primeiro dado a ser apresentado é o número de alunos da instituição, mas antes é interessante apontar, aqui, que os números apresentados constituem-se em aproximações, uma vez que a cada livro de matrícula observa-se um número diferente de alunas.

Década da fundação

1900	1901	1902	1903	1904	1905	1906
8	46	-	32	37	45	47

Fonte: Livro de Matrícula de 1901 a 1906

No livro que serviu de fonte para esta tabela não havia a separação entre as matrículas do internato e do externato.

Deve-se observar a ausência de dados relativos ao ano de 1902, quando a então diretora do Colégio, Anna von Maleszewska foi substituída por Emilia Meira. Segundo relato de Bento Vidal, as alunas do Progresso promoveram uma “greve” por estarem desgostosas com o Colégio. O fato é que o número de alunas diminuiu sensivelmente: de 46 em 1901, para 32 em 1903, ou seja, uma evasão de aproximadamente 40%.

1920-1929

1924		1925		1926		1927		1928	
I	E	I	E	I	E	I	E	I	E
148	63	145	42*	134	42*	135	37	144	47

Fonte: Livro de Matrícula 1923 a 1928

* os anos de 25 e 26 estão relacionados em conjunto no Livro de Matrícula, no item internato.

Nesta tabela, onde encontra-se “**I**” lê-se internato e “**E**”, externato.

Pode-se perceber que o ponto forte do Colégio era o Internato. A tabela mostra que, em média, o número de alunas do Internato era três vezes maior ao do Externato.

A análise do Livro de Matrícula apontou que alunos do sexo masculino já estavam sendo aceitos na instituição desde o ano de 1927. Sendo que, neste ano, aparecem dois nomes masculinos: Silvio de Moraes Sales e Romeu Grandinetti, o último como aluno gratuito. Mais adiante será tratada a maneira como se concedia bolsas de estudos, mas deve-se registrar que este aluno,

Romeu Grandinetti, era filho de uma das professoras do Colégio, Dora Grandinetti.

Pré-Primário

1941		1946		1948*	
MASCULINO	FEMININO	MASCULINO	FEMININO	MASCULINO	FEMININO
14	26	18	35	-	32

Fonte: Livro de Matrícula do Pré-Primário - 1941 a 1948, masc. e fem.

Esta tabela é referente aos alunos da Pré-Escola, aqui já se pode notar a presença de alunos do sexo masculino. Deve-se apontar que todos os alunos deste sexo matriculados na Pré-Escola tinham residência em Campinas e que, no ano de 1948, não consta do livro nenhum aluno deste gênero.

2) Profissão do Pai:

Um recrutamento prévio ao ingresso no Progresso dava-se no momento da matrícula: os custos referentes à mensalidade, enxoval e materiais didáticos, não poderiam ser pagos por qualquer família. Dessa forma garantia-se a homogeneidade da clientela. A profissão dos pais das alunas é um indicativo bastante interessante dessa homogeneidade por representar a presença da elite campineira e da região neste Colégio.

Por não serem os formulários de matrícula preenchidos com todos os dados, serão analisados apenas os que continham a informação referente à profissão do pai. Deve-se mencionar aqui que, como nos mostra o trabalho de Ferraz (1997), o termo "lavrador" era aplicado aos grandes proprietários de terra, no presente trabalho preferiu-se obter pela atualização do termo, deste modo onde encontrou-se "lavrador", substituímos por "fazendeiro".

Tabela 1
Profissão do Pai, década de 20

Profissão do Pai	DÉCADA DE 20	
	N	%
FAZENDEIRO	17	48.5
MÉDICO	4	11.4
ENGENHEIRO	2	5.71
CAPITALISTA	2	5.71
COMERCIANTE	2	5.71
PROPRIETÁRIO	2	5.71
NEGOCIANTE	1	2.85
INDUSTRIAL	1	2.85
TABELIÃO	1	2.85
ADVOGADO	1	2.85
ARTISTA	1	2.85
MILITAR	1	2.85
TOTAL	55	100

Fonte: Livro de Matrícula 1923 a 1928

Nesta tabela temos o seguinte:

- 68.57% de proprietários (industrial, fazendeiro, capitalista, etc);
- 20.0% de profissionais liberais (médicos, engenheiros, advogado);
- 5.71% de funcionários (tabelião, militar);
- 5.71% outras categoriais (negociante, artista).

Pode-se perceber a forte presença de proprietários rurais, 48.5% do total de alunas matriculadas, fato que nos leva a crer que na década de 20 a cidade de Campinas ainda não havia "abdicado" de sua "vocaçãõ rural". Um outro aspecto que sobressai-se na análise é o elevado percentual da categoria "proprietários", 68.57% do total de alunas. A segunda categoria, em número, é a dos "profissionais liberais", respondendo, nesta década, por 20% do total de alunos.

Tabela 2
Profissão do Pai, década de 30

Profissão do Pai	DÉCADA DE 30 (1936)	
	N	%
FAZENDEIRO	44	30.1
COMERCIANTE	19	13.01
MÉDICO	10	6.84
ENGENHEIRO	10	6.84
INDUSTRIAL	9	6.16
FUNCIÓNÁRIO	7	4.79
PÚBLICO		
ADVOGADO	4	2.73
COLLECTOR	4	2.73
PROPRIETÁRIO	4	2.73
DENTISTA	3	2.43
PROFESSOR	2	1.36
BANCÁRIO	2	1.36
FARMACÊUTICO	2	1.36
CORRETOR	1	0.68
COBRADOR	1	0.68
FERROVIÁRIO	1	0.68
RÁDIO	1	0.68
ESCRITUÁRIO	1	0.68
CAPITALISTA	1	0.68
JORNALISTA	1	0.68
EM BRANCO	19	15.4
TOTAL	146	100

Fonte: Livro de Matrícula do curso ginasial - fevereiro de 1926 a julho de 1937

As categorias estão representadas da seguinte maneira:

- Proprietários: 54.1%;
- Profissionais liberais: 19.17%;
- Funcionários: 9.58%;
- Demais categorias: 4.10%;
- Em branco: 13.0%.

Pela análise dos dados pode-se perceber a diminuição do número de "fazendeiros", entretanto essa diminuição de aproximadamente 18% não é muito grande se se tiver em vista a crise do café.

Em geral, a categoria "proprietários" tem uma queda de 14.4% se comparada à década anterior. Deve-se ressaltar aqui que apesar da queda, o número de proprietários representa, ainda, mais da metade do total de alunos, 54.1%. A segunda categoria mais representada é dos "profissionais liberais", 19.17%, sendo que esta categoria manteve-se praticamente estável desde a última década. Nota-se, também, o aumento de aproximadamente 4% da categoria "funcionários".

Tabela 3
Profissão do Pai, década de 40

Profissão do Pai	DÉCADA DE 40 (1946)	
	N	%
COMERCIANTE	13	25.49
ENGENHEIRO	7	13.72
MÉDICO	6	11.76
ADVOGADO	4	7.84
FUNCIONÁRIO PÚBLICO	4	7.84
BANCÁRIO	4	7.84
PROPRIETÁRIO	2	3.92
FAZENDEIRO	2	3.92
FERROVIÁRIO	1	1.96
INDUSTRIAL	1	1.96
PROFESSOR	1	1.96
QUÍMICO INDUSTRIAL	1	1.96
JUIZ	1	1.96
ESCRIVÃO DE POLÍCIA	1	1.96
VIAJANTE	1	1.96
GUARDA-LIVROS	1	1.96
DOMÉSTICA	1	1.96

Fonte: Livro de Matrícula do Pré-Primário - 1941 a 1948, masc e fem

Agrupando as profissões, temos as seguintes categorias em porcentagem:

- Proprietários: 35.29%;
- Profissionais Liberais: 35.29%;
- Funcionários: 27.4%;
- Outros: 1.96%

Pode-se verificar que a década de 40 representou a entrada definitiva de filhos de “profissionais liberais” e “funcionários” de instituições tipicamente urbanas (bancário, escrivão, químico industrial, etc), somadas essas duas categorias contam com 62.69% do total de alunas, enquanto que a categoria “proprietários” conta pouco mais da metade desta soma, 35.29%.

É sensivelmente inferior, se comparado as outras décadas, o número de “fazendeiros”, apenas 3.92%; enquanto que na década de 20 esse número era de 48.5% e 30.1% na década de 30.

Deve-se destacar aqui que a categoria “profissionais liberais” e a categoria “proprietários” estão representadas pelo mesmo número de alunos, 35.29% e que somadas chegam a 70.59% do total de alunos matriculados. Desta forma, alunos provenientes da elite continuam fazendo parte do quadro de matriculados, garantindo, de certa maneira, a homogeneidade social requerida pelo projeto pedagógico.

3) Procedência:

A procedência das alunas, também, é um dado interessante para a análise da conceituação que o Colégio Progresso Campineiro possuía. Já no segundo ano de funcionamento, 1901, o Colégio atendia à alunas de outras cidade:

- Campinas: 38
- Amparo: 4
- Jau: 1
- Cravinhos: 1
- Pedreira: 1

Fonte: Livro de Matrícula 1901 a 1906

Na primeira década de funcionamento do Colégio, as cidades de onde procediam as alunas, eram basicamente todas da região.

O ano de 1923 oferece-nos um quadro da maior amplitude da procedência das alunas, na década de 20. Já não eram mais apenas alunas procedentes do Estado de São Paulo, havia um significativo número de alunas de Minas Gerais:

Tabela 4
Procedência das alunas, década de 20

Estado de procedência	1923	
	N	%
São Paulo	88	88.88
Minas Gerais	8	8.08
Não identificado	3	3.03
TOTAL	99	100

Fonte: Livro de Matrícula 1923 a 1928

- Americana (SP) - 1
- Amparo (SP) - 1
- Araguary (MG) - 1
- Bragança (SP) - 2 (irmãs)
- Campinas (SP) - 46
- Cravinhos (SP) - 1
- Descalvado (SP) - 1
- Ignácio Uchoa (*) - 1
- Jau (SP) - 1
- Joanópolis (SP) - 1
- Minas Gerais (*) - 3 (irmãs)
- Mococa (SP) - 14
- Monte Santo (MG) - 1
- Prata (MG) - 1
- Pedreira (SP) - 1
- Piracicaba (SP) - 2
- Poços de Caldas (MG) - 1
- Rio Claro (SP) - 1
- Rio Preto (SP) - 2
- Santa Rita (*) - 2
- São João da Boa Vista (SP) - 1
- São José do Rio Pardo (SP) - 1
- São Paulo (SP) - 6
- São Sebastião do Paraíso (SP) - 1
- São Simão (SP) - 2
- Serra Negra (SP) - 3
- Uberabinha (MG) - 1

Fonte: Livro de Matrícula 1923 a 1928

*não foi possível identificar os Estados aos quais pertencem estas cidades, por terem, talvez, mudado de nome ou não terem sido grafados corretamente.

Na década de 30, já haviam além das alunas provenientes do Estado de Minas Gerais, nota-se a presença de algumas alunas do Rio de Janeiro. A tabela abaixo refere-se às alunas matriculadas em 1936:

- Americana (SP) - 2
- Amparo (SP) - 1
- Araçatuba (SP) - 1
- Aramina (SP) - 1
- Batataes (SP) - 6
- Botucatu (SP) - 1
- Caçapava (SP) - 1
- Campinas (SP) - 56
- Cássia (MG) - 1
- Cosmópolis (SP) - 1
- Delfinópolis (MG) - 1
- Descalvado (SP) - 3
- Duartina (SP) - 1
- Ferreira Penteado (*) - 1
- Franca (SP) - 1
- Ibirá (SP) - 2
- Ignácio Uchoa (*) - 1
- Iguarassú (*) - 1
- Itatiba (SP) - 11
- Itapira (SP) - 2
- Itápolis (SP) - 1
- Ituverava (SP) - 2
- Jaú (SP) - 3
- Leme (SP) - 1
- Lins (SP) - 1
- Lorena (SP) - 1
- Luiz Barreto (*) - 1
- Mococa (SP) - 4
- Monte Santo (MG) - 1
- Ouro Fino (MG) - 1
- Pederneiras (SP) - 2
- Penápolis (SP) - 1
- Piracicaba (SP) - 1
- Pirajuhy (SP) - 1
- Piratininga (SP) - 1
- Promissão (SP) - 2
- Restinga (SP) - 1
- Ribeirão Preto (SP) - 1
- Rio de Janeiro (RJ) - 2
- Santa Adélia (SP) - 3
- Santos (SP) - 2
- São Carlos (SP) - 1

- São João da Boa Vista (SP) - 1
- São Joaquim (*) - 1
- São Paulo (SP) - 3
- São Sebastião do Paraíso (MG) - 1
- Uberaba (MG) - 1
- Uberlândia (MG) - 3
- Vargem Grande (MG) - 4

Fonte: Livro de Matrícula do curso ginásial - fevereiro de 1926 a julho de 1937

*não foi possível identificar os Estados aos quais pertencem estas cidades, por terem, talvez, mudado de nome ou não terem sido grafados corretamente.

Tabela 5
Procedência das alunas, década de 30

Estado de procedência	1936	
	N	%
São Paulo	123	86.01
Minas Gerais	13	9.09
Rio de Janeiro	2	1.39
Não identificado	5	3.49
TOTAL	143	100

Fonte: Livro de Matrícula do curso ginásial - fevereiro de 1926 a julho de 1937

A presença constante de alunas mineiras na instituição pode ser explicado, também, pelo fato de que a cidade de Campinas havia se tornado um dos maiores centros ferroviários do país, é o que nos mostra MATOS (1988):

(...) tendo aqui a 'Mogiana' [ferrovia que ligava o Estado de São Paulo ao de Minas Gerais] sua estação inicial, a vinculação com as áreas mineiras tornou-se muito mais fácil com esta cidade do que com a própria capital do Estado. Assim, os antigos internatos colegiais, bem como os hospitais e as clínicas médicas de Campinas, tornaram-se preferidos pelos habitantes do sul de Minas e do Triângulo. Conseqüentemente, tornou-se profundamente marcante a presença mineira em Campinas (p.33).

4) Alunas Gratuitas

Nos livros de matrículas analisados foram encontradas apenas algumas anotações sobre concessão de bolsas de estudos. Com relação a números

tem-se o seguinte: **1926**, 7 alunas gratuitas; **1927**, 13 alunas do internato e 3 do externato, incluindo um aluno.

Deve-se apontar do domínio da arte de administrar no fato de que em seu Testamento, Dona Emilia Meira fez questão de tratar desse assunto:

Às continuadoras da minha obra, peço pois, em minha memória, que mantenham sempre, gratuitamente cinco por cento a dez por cento de alumnas aproveitáveis, e virtuosas, possivelmente orphãs de Pae e Mãe, e que, por falta de meios pecuniarios, deixariam os estudos, se não encontrassem arrimo dos Collegio.

Entretanto, não se pode afirmar que as bolsas eram oferecidas apenas a alunos carentes, uma vez que em certos casos, concediam-se "bolsas" para um membro da família quando haviam outros matriculados como alunos pagantes. Ofereciam-se "bolsas", também, para filhos de professoras do Colégio, como é o caso do aluno Romeu Grandineti, filho de uma professora de Geografia. É interessante apontar, aqui, que os primeiros alunos gratuitos são mencionados em 1926, um ano antes de o então prefeito de Campinas, Orosimbo Maia decretar a Lei nº 411 onde fica concedida a isenção do imposto predial e da taxa de metros corridos aos colégios que mantivessem gratuitamente 5% de alunos externos e 2% de alunos internos (Ferraz, 1997).

Conclusão

O Colégio Progresso Campineiro surgiu da desconfiança tradicional e da hostilidade da elite pelo ensino público. O grupo que o fundou tinha uma idéia clara da formação que pretendia às moças de suas famílias, para tanto, além de criarem o Colégio, selecionaram diretoras e professores capazes de executar essa educação almejada. Segundo os prospectos da instituição, o Colégio considerava ter por fim a “educação **intelectual, moral, religiosa e física** da mocidade feminina, de acordo com os programas oficiais e baseada na pedagogia moderna e nos princípios de moral” (Prospecto, 1939).

O Progresso tinha seu ponto forte no Internato, sendo que o número de alunas do externato era três vezes inferior ao do internato. A fundação de um internato para meninas expressa a vontade de manter as moças dentro de um universo protegido, longe dos perigos e das tentações da vida exterior e dos meios intelectuais mais livres.

Segundo diversos autores como, por exemplo, Barbanti (1980) e Manoel (1988), a educação destinada às mulheres na virada do século pretendia apenas ser um polimento sócio-cultural para que a mulher pudesse ser uma companhia agradável nas reuniões: “tornava-se imperioso que elas soubessem ler, conversar, conhecer etiqueta, línguas estrangeiras, ‘obras de gosto’ (tarefas de agulhas), música e pintura” (Manoel, p.188). Dessa forma, os colégios femininos da época, desenvolviam programas de ensino concentrando suas atenções apenas no aspecto relativo ao polimento sócio-cultural. Entretanto, o Colégio Progresso parece ter fugido a este esquema, uma vez que em seus currículos as disciplinas que preparavam o lastro cultural e da sociabilidade das educandas não preponderavam sobre as matérias científicas, embora ambas estivessem presentes diariamente e em todos os níveis. Era nítida a preocupação com o desempenho intelectual das alunas; as primeiras alunas do Progresso que foram aprovadas nos exames do Ginásio de Campinas, tiveram suas fotos inclusive em prospectos da instituição.

O currículo do Colégio apresentava-se bastante completo para sua época. Neste relatório foram analisados três deles, sendo que o segundo (1909-1917) representou um avanço considerável, em termos pedagógicos, se comparado ao primeiro currículo analisado (1902). Entretanto, após a equiparação o currículo oficial parece ter perdido um pouco de sua originalidade.

Apesar de toda uma preocupação com o *desenvolvimento intelectual* das alunas, o desenvolvimento de uma *moral católica* estava presente diariamente no cotidiano das alunas, como foi mostrado no decorrer desta trabalho, podendo até ser considerado como uma espécie de *doutrinação diária*.

Neste contexto, vale ressaltar a ligação do Colégio com a Igreja católica. O Colégio era oficialmente leigo, entretanto sua orientação católica está presente em diversos aspectos, como por exemplo, no currículo, na construção do prédio que conta com uma capela, na realização de casamentos e catecismo nesta capela, etc. O viés católico apresentava-se, também, no método pedagógico, uma vez que este tinha diversas semelhanças com o Ratio Studiorum (método de estudos criado pelos jesuítas). Aqui destaco a análise feita por MANOEL (1988):

na questão feminina, a posição da Igreja católica reflete, de um lado, a doutrina religiosa na qual a mulher sempre figurou como um ser secundário e suspeito e, de outro, seus interesses, investidos na ordem vigente na sociedade de classes. Neste sentido, o comportamento da Igreja não tem diferido basicamente da atuação dos demais grupos empenhados na preservação do status quo capitalista. Como estes, a Igreja tem evidenciado um esforço de refinamento de técnicas sociais conducentes a manter, embora disfarçadamente, a mulher submissa ao homem (p.32).

Uma figura de destaque na instituição foi sua segunda diretora, Dona Emilia Meira, que esteve a frente do Colégio por 35 anos. Emilia Meira assumiu sua direção tendo ficado aí até 1937, ano de seu falecimento. Fundou uma sociedade mantenedora, que o administra até os dias de hoje - Sociedade Brasileira de Educação e Instrução e é para esta sociedade que Dona Emilia Meira deixa todos os seus bens, em testamento. A sociedade deveria ser constituída basicamente por três pessoas:

Dona Flavia Campos da Paz, que me substitue muitas vezes como directora do Collegio Progresso Campineiro; Dona Julie Villac, que exerce o cargo de directora do Collegio de Araraquara, como principaes accionistas; e Dona Alda Pompêo de Camargo, minha constante companheira de trabalho”(Testamento de Emilia Meira).

Deve-se ressaltar a condição para que essas pessoas pudessem continuar figurando como sócias: **não podiam casar**:

É uma sociedade de moças solteiras, livres de qualquer compromisso. As que se tornarem noivas, e as que se casarem, não poderão cumprir os deveres que a Sociedade impõe, pelo que, não serão consideradas socias, e não gosarão de nenhuma regalia da sociedade” (idem).

Esses fatos dão indicações da longa duração que adquiriu o Colégio (97 anos), segundo Leda Pereira (apud Barbanti) “(...) a continuidade e sucesso de seus colégios são garantidos pela dedicação total das almas que se consagram ao serviço de ensinar, associada à estabilidade do sistema comunitário” (p.35).

Como foi apontado no decorrer deste relatório, o Colégio apresentou em determinados períodos, certas características típicas de **instituição total** (Goffman, 1974): privação auditiva (escuta eletrônica nas salas de aula e nos salões de estudo), sistema de privilégios (conhecido no cotidiano do Colégio, como sistema de regalias), etc.

O fato de o Colégio ser tão bem conceituado, como nos mostrou a imprensa e a grande procura de alunos por esta instituição, provavelmente foi de considerável importância, uma vez que este Colégio conseguiu equiparar-se aos demais estabelecimentos públicos de ensino muito antes que outros dois colégios similares da região (o Colégio Nossa Senhora da Assunção e o Puríssimo Coração de Maria). Os relatórios de inspetores vem confirmar essa conceituação:

E assim, bem longe de considerar finalidades comerciais, este Colégio realiza nas suas atividades o mais alto programa dos que pelejam reta e conscientemente pelo amor a Pátria brasileira (Silva, 1943).

O Colégio ofereceu diversos cursos no decorrer de sua história, destacando-se o curso equiparado ao Colégio Pedro II, o curso de Música oferecido pelo Conservatório Musical Santa Cecília e o curso de magistério. Entretanto, o magistério e o elementar podem ser considerados como resposta

ao poder público por terem instalado esses cursos antes que os particulares. Para a instalação do magistério adiciona-se uma outra explicação: o fato de esta ser a única profissão acessível para as mulheres, naquela época.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Mário de. **Amar, verbo Intransitivo**. Belo Horizonte, Itálica, 1989.

BARBANTI, M.L.S.H. "Estudo de quatro escolas particulares confessionais do interior do Estado de São Paulo" In: **Didática**, v.16, Unesp, 1980.

BINZER, Ina von. **Os meus romanos: alegrias e tristezas de uma educadora alemã do Brasil**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.

CITY NEWS de Campinas, "85 anos do Colégio Progresso Campineiro", 17/11/1985.

COLÉGIO PROGRESSO CAMPINEIRO, "Convite", 1920.

_____, "Diário de Lições", 1940.

_____, "Discurso de Formatura", s/d.

_____, "Formulário para matrícula", 1941.

_____, "Livro de Matrícula de 1900 a 1902".

_____, "Livro de Matrícula de 1901 a 1906".

_____, "Livro de Matrícula de 1923 a 1928".

_____, "Livro de Matrícula do curso ginásial, fevereiro de 1926 a julho de 1937".

_____, "Livro de Matrícula do Pré-Primário, 1941 a 1948, masculino e feminino".

_____, "Prospecto", 1942.

_____, "Regimento Interno", s/d.

_____, "Texto para informações sobre o CPC e sua matrícula", 1934.

COLÉGIO PROGRESSO DE ARARAQUARA, "Prospecto", 1939.

CUNHA, Álvaro. "Está comemorando o CPC 60 anos de existência" In: **Correio Popular**, 08/10/1960.

- DEMARTINI, Zeila B. F. "História de Vida na abordagem de problemas educacionais" In: SIMSON, Olga (org) **Experimentos com História de Vida (Itália-Brasil)**. São Paulo: Vértice, 1988.
- DEMARTINI, Zeila B. F. e ANTUNES, Fátima F. **Magistério Primário no Contexto da Primeira República**. Relatório de Pesquisa. Fundação Carlos Chagas, maio/1991.
- DIÁRIO DO POVO. "Solenemente comemorado pelo CPC o seu 44o aniversário". Campinas, 15/10/1944.
- _____. "Edilidade congratulou-se com o 60º aniversário do Colégio Progresso". Campinas, 8/10/1960.
- DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO. "Discurso proferido por Sr. Bento Sampaio Vidal no dia 29/03/37, na Assembléia Legislativa de São Paulo", 30/03/37.
- FAGUER, Jean Pierre. **Khâgneux Pour La Vie: une histoire des années soixante**. Centre D'Etudes de L'Emploi. Dossier 5. Nouvelle, serie, 1995.
- FERRAZ, Adriana. **Orosimbo Maia: homem, filantropo e político**. Relatório de Iniciação Científica, digitado, FAPESP, 1997.
- FREITAS, Anamaria G. B. **Vestidas de Azul e Branco: um estudo sobre as representações de ex-normalistas acerca da formação profissional e do ingresso no magistério**. Unicamp. Tese de Mestrado, 1995.
- GOFFMAN, Erving. **Manicômios, Prisões e Conventos**. São Paulo, Perspectiva, 1974.
- GUIMARÃES, Octavia Maia de F. "Discurso pronunciado durante as festividades do 63o aniversário do Colégio Progresso Campineiro", em 7/10/1963.
- Haidar, Maria de Lourdes M. **O Ensino Secundário no Império Brasileiro**. São Paulo, Grijalbo, Editora da USP, 1972.
- INVENTÁRIO. Juízo de Direito da Primeira Vara da Comarca de Campinas. "Testamento" Inventário: José Villac (inventariante) e Emilia de Paiva Meira, 1937.
- ISAMBERT-JAMATI, Viviane. **Les Savoirs Scolaires: enjeux sociaux des contenus d'enseignement de leurs réformes**. Paris, Éditions L'Harmattan, 1995.
- JORNAL Comercio de Campinas. "Anuncio", 14/10/1900.

- KREUTZ, Lúcio. **Material didático e currículo na Escola Teuto-Brasileira do RS**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 1994.
- MANOEL, Ivan A. **Igreja e Educação Feminina: Os Colégios das Irmãs de São José de Chamberry (1859-1919)**. Tese de Doutorado, USP: FFLCH, 1988.
- MATOS, Odillon N. "Campinas: das origens até 1930" In: **Campinas de ontem e de hoje**. Campinas, Empresas Lix da Cunha, 1988.
- MEIRA, Emilia de Paiva. **Projeto educacional para o Collegio Progresso de Curitiba**, 1897.
- NASCIMENTO, Terezinha Quaiotti R. **Campinas: desenvolvimento cultural e Educação formal**. Grupo de Pesquisa Integrada sobre Colégios de Campinas e Região. Centro de Memória, Unicamp, s/d.
- O CONSTITUCIONAL. "Colégio Progresso Campineiro", s/d.
- O POPULAR "Colégio Progresso de Araraquara e Escola Normal Livre". Araraquara, 26/09/1928.
- RIBEIRO, Arilda I. M. **A Educação Feminina durante o século XIX: o Colégio Florence de Campinas (1863-1889)**. Tese de Doutorado, Unicamp, 1993.
- RIBEIRO, Maria Luísa S. **História da Educação Brasileira: a organização escolar**. São Paulo. Editora Moraes, 1982.
- SAINT-MARTIN, Monique. "Une 'bonne' éducation: Notre-Dame des Oiseaux à Sèvres, **Ethnologie Française**, Paris, XX, 1990, 1.
- SAVIANI, Nereide. **Saber Escolar, Currículo e Didática: problemas da unidade conteúdo/método no processo pedagógico**. Campinas: Autores Associados, 1994
- SILVA, Carlota L. C. "Ficha de inspeção do Colegio Progresso Campineiro". Governo Federal, 1943.
- TEXTO para informações sobre o CPC e sua matrícula, 1934.
- UHLE, Águeda B. "A filantropia na educação" In: **Educação e Sociedade**. CEDES, no 42, Campinas, Papirus, 1993.
- VILLAC, Julie. "Discurso de Formatura", 1915.